



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EDIANA MARIA CACAU OLIVEIRA

**MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO LIBERTADORA E PARTICIPAÇÃO
POPULAR NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO PIRAMBU, FORTALEZA – CE.**

FORTALEZA – CE

2022

EDIANA MARIA CACAU OLIVEIRA

MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO LIBERTADORA E PARTICIPAÇÃO POPULAR
NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO PIRAMBU, FORTALEZA – CE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jose Mendes Fonteles Filho.

FORTALEZA - CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O46m Oliveira, Ediana Maria Cacau.
MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO LIBERTADORA E PARTICIPAÇÃO POPULAR NA
CONSTRUÇÃO DO BAIRRO PIRAMBU, FORTALEZA – CE. / Ediana Maria Cacau Oliveira. – 2022.
80 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Jose Mendes Fonteles Filho.
1. Pirambu. 2. movimentos sociais. 3. educação libertadora. I. Título.

CDD 370

EDIANA MARIA CACAU OLIVEIRA

**MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO LIBERTADORA E PARTICIPAÇÃO
POPULAR NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO PIRAMBU, FORTALEZA – CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Profª. Dra. Francisca Geny Lustosa
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Jose Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará

Figura 1: Giovanna, eu e Isabel (esquerda para a direita). Vila do Mar, Pirambu.



Fonte: Arquivo pessoal.

A Deus e
Às minhas filhas.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me fortalecido e não ter permitido que eu desistisse diante dos obstáculos e da pandemia do Covid-19, na qual perdi sogro e amigos.

À minha mãe por ser exemplo de luta e perseverança, sempre confiou em mim e ensinou o caminho certo.

Ao meu esposo por estar sempre do meu lado, fortalecendo, amparando e acreditando em mim, incentivando a não desistir.

Às minhas filhas pelo amor e companheirismo, pela compreensão nos momentos de trabalhos intensos e pouco tempo para dedicar a elas.

À Universidade Federal do Ceará, pela oportunidade de experimentar momentos incríveis com pessoas incríveis dentro dela.

Ao Professor Dr. Jose Mendes Fonteles Filho, o Babi Fonteles, orientador deste estudo, que me acolheu com sua paciência e compreensão, oferecendo todo o apoio necessário para que a pesquisa fosse concretizada, agradeço pelo companheirismo e orientação do início ao fim desta jornada.

A Geny Lustosa, professora incrível e ao professor Gerardo Vasconcelos, uma das pessoas mais autênticas que conheci na vida.

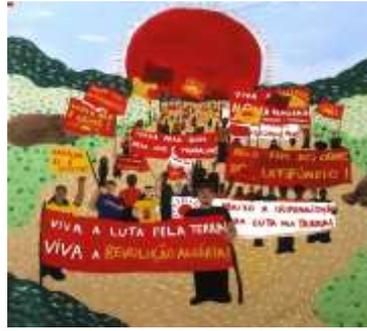
Ao amigo André Paz por ter sido tão solícito, escutar meus questionamentos e ter compartilhado material fundamental para a realização deste trabalho.

Aos amigos dos cursos de Pedagogia, os quais estiveram sempre presentes, mesmo que em redes sociais, torcendo e vibrando por cada conquista.

Quero ainda registrar que, sem a ajuda de vocês, nada teria acontecido.

Meu mais sincero “Muito Obrigada!!!!!!”

Figura 2 – Movimento popular



Fonte: Acervo da Escola de Belas Artes da UFRJ (*Antônio Kuschir*).

Somos gente nova vivendo a união
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê
Somos gente nova vivendo o amor
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê
Vou convidar os meus irmãos trabalhadores
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais
E juntos vamos celebrar a confiança
Nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê

Vamos chamar os índios que ainda resistem
As tribos que ainda insistem no direito de viver
E juntos vamos reunidos na memória
Celebrar uma vitória que vai ter que acontecer, ê, ê

Convido os negros, irmãos no sangue e na sina
Seu gingado nos ensina a dança da redenção
De braços dados, no terreiro da irmandade
Vamos sambar de verdade enquanto chega a razão, ê, ê

Vamos chamar Oneide, Rosa, Ana e Maria
A mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor
E reunidas no altar da liberdade
Vamos cantar de verdade, vamos pisar sobre a dor, ê, ê

Vou convidar a criançada e a juventude
Tocadores, me ajudem, vamos cantar por aí
O nosso canto vai encher todo o país
Velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir, ê, ê

Desempregados, pescadores, desprezados
E os marginalizados, venham todos se ajuntar
A nossa marcha pra nova sociedade
Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê
Somos gente nova vivendo o amor
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê
Laiá laiá lalailaiá...

(“Baião das Comunidades” – Autor: Zé Vicente)

RESUMO

O presente trabalho é uma produção cartográfica que nasce da vivência e experiência junto ao bairro Pirambu, da observação e escuta de moradores ante a rememoração dos fatos históricos, pessoas, situações e ações que constituem a história deste local. Este Trabalho foi orientado pelo Professor Dr. José Mendes Fonteles Filho (o Babi Fonteles) e procura refletir, entender sobre a importância e influência dos movimentos sociais e populares na organização social e cultural do bairro, como eles impactaram na construção da identidade do povo, por oportuno, considera a força educativa e política da participação do povo, nas lutas que nasceram das necessidades de efetivação dos direitos. A pesquisa foi feita de forma participante a partir do olhar e vivências de 15 pessoas, moradores e ex-moradores, por vezes iluminada e instigada pelos escritos existentes sobre o Pirambu, incluindo o olhar da pesquisadora que participa e intermedia a costura entre a história, as memórias compartilhadas e suas releituras, da qual nasce este estudo. Entre os resultados mais relevantes da pesquisa, tem-se que os sujeitos participantes confirmam, em exemplos e fatos, a importância dos movimentos sociais e populares na formação do bairro, que a participação popular foi extremamente educativa, ensinando a população a lutar, a saber sobre os direitos e como reivindicá-los, sobre a solidariedade, a união, a justiça e a política. A ocupar o seu lugar dentro da Cidade de Fortaleza.

Palavras-chave: Pirambu; movimento social; educação libertadora.

RESUMEN

El presente trabajo es una producción cartográfica que nace de la experiencia y vivencia con el barrio Pirambu, de la observación y escucha de los pobladores ante la rememoración de hechos históricos, personas, situaciones y acciones que constituyen la historia de este lugar. Este trabajo fue orientado por el Profesor Dr. José Mendes Fonteles Filho (el Babi Fonteles) y busca reflejar, comprender la importancia y la influencia de los movimientos sociales y populares en la organización social y cultural del barrio, cómo estos impactaron en la construcción de la identidad del pueblo, en su caso, considera la fuerza educativa y política de la participación del pueblo en las luchas que nacieron de la necesidad de la realización de los derechos. La investigación se llevó a cabo de forma participativa desde la perspectiva y las experiencias de 15 personas, residentes y ex-residentes, por veces iluminadas e instigadas por los escritos existentes sobre el Pirambu, incluida la perspectiva del investigador que participa y media la costura entre la historia, lo compartido de las memorias y sus relecturas, de donde nació este estudio. Entre los resultados más relevantes de la investigación, los sujetos participantes constatan, en ejemplos y hechos, la importancia de los movimientos sociales y populares en la formación del barrio, que la participación popular fue sumamente educativa, enseñando a la población a luchar, conocer a sus derechos y cómo reivindicarlos, sobre solidaridad, unión, justicia y política. Tomando su lugar dentro de la Ciudad de Fortaleza.

Palabras clave: Pirambu; movimiento social; educación liberadora

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Giovanna, eu e Isabel (esquerda para a direita). Vila do Mar, Pirambu. Fonte: Arquivo pessoal.....04
- Figura 2:** Apaixonado por pintura e por retratar lutas sociais com as quais se identifica, aos 20 anos de idade o pintor carioca Antônio Kuschmir, aluno da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cria sua arte com muita responsabilidade, enxergando-a como ferramenta a serviço da luta do povo. (Fonte: Acervo da Escola de Belas Artes da UFRJ)06
- Figura 3:** Minha humilde casa em 1979, na Rua São Raimundo, Pirambu (Acervo pessoal). Minha mãe lava a frente de casa com uma lata d'água, meio de acondicionar a água na época.....20
- Figura 4:** Visão de satélite do Pirambu, onde é possível ver a localização das duas comunidades que o forma: Nossa Senhora das graças e Cristo Redentor. (Fonte: Google maps)23
- Figura 5:** Ruas do Pirambu. Em 1970 e nos anos 2.000. (Fontes: Pirambu Pensante e Fortaleza Nobre, respectivamente)25
- Figura 6:** Campo de Concentração do Urubu, localizado nas proximidades da Colônia. (Fonte: Acervo Valdecy Alves - Arquivo Nacional)28
- Figura 7:** Peixe Pirambu ou Sargo de beijo. (Fonte: Pirambu News On-line)29
- Figura 8:** Povos vindo da Seca para o Pirambu. (Fonte: Blog Pirambu Pensante)30
- Figura 9:** Padre Hélio nas ruas do Pirambu com autoridades. (Fonte: Blog Pirambu Pensante)31
- Figura 10:** Missa antes da saída para a Marcha do Pirambu, na Paroquia N. S. das Graças. (Fonte: Blog Pirambu Pensante)33
- Figura 11:** Convocação para a Marcha feita no Correio do Ceará. (Fonte: Correio)35
- Figura 12:** Trecho do jornal comentando alguns desdobramentos da Marcha. (Fonte: Blog Fortaleza Nobre)36
- Figura 13:** Matéria do jornal O Povo sobre o Pirambu. (Fonte: Jornal O Povo - Publicado 01:15 | dez. 29, 2021 Tipo Notícia Por Marcela Tosi.)37
- Figura 14:** Reunião no Pirambu, origens da Associação. (Fonte: Arquivo pessoal)39
- Figura 15:** Reunião da Comunidade. Anos 80. (Fonte: Arquivo pessoal)39

Figura 16: Minha mãe e irmã caçula Emiliana. Dona Dita era a líder comunitária do Pirambu nos anos 80. (Arquivo pessoal)	40
Figura 17: Reunião da Comunidade. (Fonte: Arquivo pessoal)	40
Figura 18 : Encontro das Comunidades, em Lagoinha, Paraipaba. (Fonte: Arquivo pessoal)	40
Figura 19: Francisco Isna, atual presidente da ACAMP - Associação Comunitária de Ajuda Mutua pelo Pirambu. Foto tirada durante a entrevista para a realização deste Trabalho. (Fonte: Arquivo Pessoal)	41
Figura 20: Encontro da comunidade para celebrar o tradicional festejo de São João, Década de 80. D. Dita, líder comunitária, segura a garrafa. (Fonte: Arquivo pessoal)	43
Figura 21: Casinha da Praia na hora do almoço sempre tinha gente da comunidade para comer. Airton Barreto de calção, em pé. (Fonte: Arquivo pessoal)	45
Figura 22: Airton Barreto, da Casinha da Praia, falando sobre a importância do voto do Pirambu, no comício da então candidata Maria Luiza Fontenele, Partido dos Trabalhadores, para Prefeitura de Fortaleza (1985). (Fonte: Arquivo pessoal Dita Cacau)	48
Figura 23: Chafariz que ficava situado na Rua Santa Eliza, em frente ao número 351. (Fonte Google mapas)	53
Figura 24: Jean Carlos, francês integrante do “Médicos do Mundo” , em visita ao Posto de saúde (1986). Minha mãe no centro com minhas irmãs Emiliana (no braço) e Adriana (à sua frente). (Arquivo pessoal da Dita Cacau)	54
Figura 25: Encontro de formação das agentes de saúde com o “Médicos do mundo” . (1985). (Fonte: Acervo pessoal Dita Cacau)	55
Figura 26: Notícia do jornal online "Pirambu News", de 04 de janeiro de 2018. (Fonte: https://tvpirambunews.wordpress.com/2018/01/04/morador-denuncia-acumulo-de-lixo-e-mas-condicoes-do-canal-da-pracinha-do-abel-no-grande-pirambu/)	54
Figura 27: Pracinha do Abel. Como era e à direita, como ficou após a urbanização. (Fonte: Pirambu News online e Jornal o povo, respectivamente)	57
Figura 28: Kartódromo Governador Cesar Cals, em 1973. (Fonte: Blog Fortaleza em Fotos)	58
Figura 29: “Areninha” do Pirambu, localizada onde era o antigo Kartódromo. (Fonte: Pirambu News online)	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAMP Associação Comunitária de Ajuda Mútua do Pirambu

UFC Universidade Federal do Ceará

FACED Faculdade de Educação

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

MDM Médicos do Mundo

COVID Corona Virus Disease

IML Instituto Médico Legal

PEFOCE Perícia Forense do Estado do Ceará

SUS Sistema Único de Saúde

MARCA Movimento dos Artista da Caminhada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 IMPLICAÇÕES COM O TEMA	17
2 O PIRAMBU TEM CHEIROS, SABORES E SONS	21
3 E PASSANDO UM OLHAR NOS ESCRITOS SOBRE A TERRA PIRAMBU	25
4 INSPIRAÇÃO CRISTÃ DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	30
5 A MARCHA DO PIRAMBU: O “BIG BANG”.....	32
6 MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO LIBERTADORA	38
7 “CASINHA DA PRAIA”: INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO 45	
8 CANÇÕES POPULARES: ALENTO E CONVITE PARA A LUTA	49
9 O CHAFARIZ: LUGAR DE ENCONTRO E PARTILHAR IDEIAS	51
10 QUEREMOS SAÚDE! A SITUAÇÃO ANTES DA INSTITUIÇÃO DO SUS	53
11 LAZER TAMBÉM É UM DIREITO! A PRACINHA DO ABEL	55
12 O LIMITE IMAGINÁRIO.....	57
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	67
APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS.....	70
APÊNDICE B – MEMORIAL ANCESTRALIDADE.....	72

INTRODUÇÃO

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível!” (FREIRE, 2011, p. 58)

Pirambu, lugar de muita potência, histórias, de forças que o movimentam e o constroem a cada momento, desde início de 1930, o faz muito dinâmico. Basta ater-se uns minutos na rua e observá-lo. Pirambu é o meu território, onde eu, mulher preta¹ e periférica cresci e, dos seis filhos da Dona Dita, apenas eu permaneço lá até hoje. Lugar onde tive minhas duas filhas, onde vi minha mãe lutar pelas melhorias do bairro, por qualidade de vida, saúde, moradia, educação, trabalho, enquanto líder comunitária. Um lugar de muitas histórias, lutas, experiências que merecem ser trazidas à memória e ao conhecimento dos mais jovens, para despertar neles o fogo interior de comprometimento e identificação com as causas do espaço onde vivem.

No que diz respeito à educação, no sentido amplo do seu entendimento, está presente na ação e participação popular, é construída no coletivo, aprendemos naquilo que nos afeta e afetamos. Nesse contexto, para fazer esta produção cartográfica, decidi rememorar os fatos marcantes da história do Pirambu, iniciando com um levantamento dos escritos existentes sobre o bairro e partindo para uma pesquisa intervenção, na perspectiva de PASSOS & ROSSI, em que,

“(…) a pesquisa-intervenção, afirma a um só tempo a inseparabilidade entre campo de intervenção e campo de análise, teoria e prática, fazer e pensar, quando mostra que sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado se constituem no mesmo processo”. (PASSOS; ROSSI, 2014, p.11).

Buscando fazer uma cartografia das forças e memórias da população, à qual participo, para rememorar a história, as forças que movimentam o bairro, a luta, os sentimentos, as conquistas e qual a importância educativa dos movimentos sociais na construção deste, no sentido de perceber o que aprendemos desta história, que é a de todos nós. É uma espécie de

¹ Trago alguns recortes da minha vivência preta no bairro em um memorial feito no Curso de Pedagogia, uma atividade na disciplina de Cosmovisão africana, com a Professora Sandra Petit. Encontra-se, em anexo, no final deste trabalho.

“tentativa de explicitação das forças que compõem a configuração da organização”. (Ibidem, p. 11)

A partir dessas questões, busco entender a importância e influência dos Movimentos Populares para a organização social e cultural na origem do bairro Pirambu, como eles impactaram na construção da identidade do seu povo, por oportuno, considero a força educativa e política da participação do povo, nas lutas que nasceram das necessidades de efetivação dos direitos. Bem como a herança simbólica que as lutas do passado nos deixaram.

A pesquisa foi feita a partir de um recorte da história, portanto não contempla a totalidade do que se foi vivido, trata-se do olhar e vivências de 15 pessoas, moradores e ex-moradores, por vezes iluminada e instigada pelos escritos existentes sobre o Pirambu, incluindo o olhar da pesquisadora, participante dessa criação, que intermedia este diálogo entre a história e as memórias e o materializa aqui em palavras. Este escrito serve de base para compreendermos como ocorreu a formação do bairro e identificar o papel educativo dos movimentos sociais e participação popular neste processo. Do mesmo modo, podemos dizer que isso se faz relevante para podermos associar essas reflexões à busca de um maior conhecimento e entendimento no âmbito da educação libertadora, uma verdadeira fonte de cidadania. Portanto, sendo a atuação e papel educativo dos movimentos sociais na origem do bairro Pirambu ainda pouco conhecido e discutido no meio acadêmico, se fez necessário refletir sobre o tema.

Foi utilizada a observação participante por ser um método que proporciona uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado, possibilita o contato com o sentimento que o entrevistado manifesta ao responder determinadas questões e perceber a importância pessoal, o envolvimento afetivo com a temática. E também porque sou pirambuense, filha de uma antiga moradora do bairro, implicada no lócus da pesquisa. Como afirma Cruz Neto, “o observador enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados” (1994, p. 59). Nesse mesmo contexto Gil (2008) foi ainda mais específico ao afirmar que:

“A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir *observação participante* como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”. (GIL, 2008, p. 122)

A proposta inicial era de ouvir apenas os moradores mais antigos do bairro, no entanto, no decorrer do trabalho observei que, ao tentar perceber o impacto educativo dos movimentos

e da participação popular, dos fatos marcantes do bairro, eu precisaria escutar não apenas os antigos, como também os seus filhos, moradores atuais e estes poderiam dizer, como herdeiros da luta, o que ficou de aprendizado, do que foi vivido dentro do Pirambu em suas perspectivas. Então resolvi abranger moradores antigos, seus filhos que moram ou tenham morado no bairro, bem como uma religiosa que morou e trabalhou nele por mais de 20 anos, deixando sua marca na história. Essa mudança dos sujeitos foi um amadurecimento que a pesquisa trouxe, deu forma ao trabalho e orientou as perguntas, o que foi muito rico.

Após as observações, anotações e análise destas, foram feitas as entrevistas através de um questionário semiestruturado. As perguntas surgiram com a observação e escuta da população. As anotações feitas durante a observação foram redigidas em um caderno de uso exclusivo para esse fim e serviram de base e respaldo para a análise.

Por fim, foi realizada a análise dos dados obtidos, Conforme Minayo (2002) depois do trabalho em campo, o projeto tem por fim, fazer a análise de todo o material recolhido no campo, este momento de análise se subdivide em três etapas, que são: ordenação, classificação e em análise propriamente dita.

Na análise foi estabelecido a correlação entre os dados obtidos e a referência teórica utilizado na pesquisa respondendo as questões da pesquisa sobre os fatores que marcaram a história da organização do Pirambu e como os moradores os percebem, além da importância educativa dos movimentos populares para o Pirambu, estabelecendo uma relação entre o teórico e o prático. Neste sentido é averiguado se o que foi apresentado na teoria como resposta a essas perguntas realmente correspondem as respostas obtidas em campo. (MINAYO *apud* GOMES, 2002, p. 18).

A entrevista foi do tipo semiestruturada, [...] “por se tratar de um instrumento flexível para a coleta dos dados” (NASCIMENTO, 2008). O que significa dizer que apesar da entrevista semiestruturada ter um roteiro de questões predefinidas, este pode ser alterado no decorrer da entrevista, de acordo com as questões que forem se apresentando, ao longo do período de coleta de dados.

Reconheço a amplitude deste tema, que me propus a tratar neste trabalho de conclusão de curso, fui motivada pelo anseio de rememorar para despertar o ímpeto de novas lutas, por meio da reflexão da participação popular nas lutas e tomadas de decisões da população, no passado, como os movimentos populares foram educativos, impactando na identidade do povo hoje, que apesar das opressões diversas que vivem, ainda é um povo tão guerreiro e persistente, crente na mudança, que um lugar melhor é possível, o qual faço parte.

Nesse sentido, reforço a relevância de se conhecer mais sobre o assunto em questão, não somente para os moradores do Pirambu, mas para a comunidade acadêmica. Isso se justifica porque, ao discutirmos tal assunto, é possível que conhecendo melhor sobre tal, possamos descobrir estratégias de mobilizações populares, de construção de cidadania e educação política na periferia de Fortaleza.

Há uma conexão, uma costura das vivências das pessoas que, assim como eu, construiu sua vida ou parte dela no Pirambu. Segundo Romagnoli (2009) ocorre uma construção de conhecimento que se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro que o pesquisador faz com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco é centrado nos significados atribuídos por ele. Se dá no contato com gente que viveu ou vive até hoje no bairro, que afetou e foi afetada por ele, no pulsar deste grande organismo vivo, que segue em constante construção. Qual a herança cultural, social e afetiva que as lutas do passado nos deixaram? O que significou a marcha do Pirambu e os movimentos populares na organização e identidade do bairro? Questões que os moradores nos ajudam a compreender nas suas falas ricas de afeto e memórias obtidas por meio de conversas nas bodegas, padaria, filas, rua, calçadas, farmácia, ponto de ônibus, bem como por intermédio de um questionário² enviado via mídia social, ou feitos pessoalmente, respeitando os protocolos de segurança³ de isolamento social em decorrência do Covid 19.

É certo que o pirambuense tem um jeito todo próprio de ser e estar no mundo, não é alguém que aceite passivamente os dismantelos da vida. É alguém de luta, que grita, vai atrás... não fosse a onda de violência crescente, em decorrência da presença de organizações criminosas na região, fato que assola não apenas este bairro, mas todo o Estado do Ceará, “o bairro seria um paraíso se não fosse a violência”, fala de um morador, que expressa a relação afetiva com a localidade.

No entanto, ignoramos as intempéries e insistimos em seguir em frente. “Caminhando e cantando, e seguindo a canção. Somos todos iguais, braços dados ou não... Vem vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”⁴. Sonhando como Dom Quixote⁵, irreverentes, enfrentando os gigantes, matando um leão por dia,

² Questionário situado nos anexos.

³ Distância adequada do entrevistado, uso de máscara e álcool em gel.

⁴ Canção: Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré, 1979.

⁵ Dom Quixote de La Mancha (El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Mancha, no original) é uma obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes, publicada em duas partes. A primeira surgiu em 1605 e a segunda dez anos depois, em 1615.

tentando mudar o mundo, quem sabe a nós mesmos! “Somos anões em ombros de gigantes”⁶, bem disse Bernardo de Chartes, pois é na experiência dos antigos que somos inspirados e impulsionados pelo exemplo deles, com os olhos postos na meta de um bairro melhor, mais digno e promissor para todos. É nosso sonho, então deixe-nos sonhar!

Embora gratificante, não foi um trabalho fácil. Exigiu de mim muita superação, lágrimas derramadas, desconstruções e renascimentos. Foi um trabalho realizado durante a Pandemia do Covid 19, tempo no qual perdi amigos, colegas de trabalho e o sogro para a doença, sem ao menos poder despedir-me, em decorrência dos protocolos de segurança para conter o vírus. Ainda me contaminei, passei dias graves, com pânico de morrer e deixar minhas duas filhas sem mãe. Consegui superar o Covid, veio então uma cirurgia de emergência por conta de uma hemorragia causada pela endometriose. E quando parecia que a turbulência havia passado, sofri um acidente de trânsito, quebrando o cotovelo direito, impedindo-me de escrever por mais de um mês. Tive uma crise no casamento que repercute até agora enquanto escrevo, não é fácil lidar com a infidelidade, o que travou a inspiração criativa. Sem falar da correria de ser estudante trabalhadora e mãe, uma jornada tripla, que por diversas vezes me fez pensar em desistir, em desacreditar na capacidade de superar meus próprios limites.

Contudo, esta produção nasceu e leva o pedaço de muita gente perpassados em cada capítulo, cada vivência e falas partilhadas com simplicidade e afeto.

Com a célebre frase do Pequeno Príncipe⁷, obra de Sant-Exupéry, que corre o mundo em todas as línguas, “o essencial é invisível aos olhos, só se ver bem com o coração”, convido você a olhar com os olhos do coração as letras que se seguem e expressam tanto um pouco da bibliografia disponível, como a vivência sob a visão de uma humilde moradora, que aqui escreve, enriquecida com a partilha de vida de outros moradores que aceitaram participar desta viagem no tempo e no sentimento.

1 IMPLICAÇÕES COM O TEMA

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. (Paulo Freire, 1970, p. 15).

⁶ Pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distantes, não devido a acuidade da nossa vista ou à altura do nosso corpo, mas porque somos mantidos e elevados pela estatura de gigantes.

⁷ Obra O Pequeno Príncipe: por Antoine de Saint-Exupéry (Autor), Dom Marcos Barbosa (Tradutor). Editora: Harper Collins; 1ª edição (27 agosto 2018).

Começo trazendo essa fala emblemática que Paulo Freire iniciou sua obra, a “Pedagogia do Oprimido” (1970), por sentir-me muito inspirada nela, identifico-me no sentido de descobrir-me na história dos esfarrapados do Pirambu, aqueles que com suor e sangue lutaram por este espaço e fizeram dele sua casa, sua família, sua herança e território. E também rememorando aqueles que passaram por aqui em missão, de passeio ou a trabalho e fizeram sua a nossa luta. Recordo que no dia sete de janeiro de 2020, durante uma aula do magnífico professor e artista Babi Fonteles, na disciplina Educação e Movimentos Sociais, uma centelha foi acendida no meu coração e a reflexão para realizar esta escrita começou a nascer, de forma inocente e sem muito rebuscamento. Na ocasião, Babi trouxe um texto muito rico de Maria da Glória Gohn, sobre Movimentos Sociais na Contemporaneidade e nele, Gohn (2011) afirma que os movimentos sociais são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes e acrescenta que eles possuem um caráter educativo nas práticas que acontecem no ato de participar. Achei isso incrível! Desde então a ideia não me saiu da mente.

Dias depois, exatamente no dia dezoito de março, Babi levou-nos a discutir outro texto, dessa vez um de Alder Júlio Ferreira Calado, que trata dos Movimentos Sociais por uma Sociabilidade Alternativa: enfrentamentos e apostas. Em um trecho fui tocada profundamente, fiquei apaixonada, quando Calado (2007) menciona a importância do exercício da rememoração histórica, de reavivar a memória das lutas de movimentos passados e contemporâneos, de figuras do povo, no sentido de proporcionar uma renovação interior dos compromissos com as lutas sociais. Nesse momento recordei-me do Pirambu, lembrando de muitas pessoas antigas que conheci no bairro. Comecei então a refletir que o meu bairro nasceu da luta popular, foi o movimento popular que uniu todas as forças e organizou a luta pela conquista da terra. Esta luta foi mudando, de acordo com as exigências e novas necessidades que surgiam, o certo é que a luta nunca parou... E, o que aprendemos? Quais os saberes gerados? A atuação dos movimentos populares, nesta terra chamada Pirambu, a participação popular, teve um papel educativo? Rememorar as lutas do ontem, pode ajudar a despertar o desejo por outras lutas?

Olhando para a história, vemos que muitos povos rememoram, por uma questão de sobrevivência para alimentar a luta, mobilizar, despertar paixão, coragem, fé, como no caso dos hebreus que rememoram a travessia no deserto, de como Deus os libertou do Egito. A primeira Páscoa ocorreu com este povo no Egito e nunca mais parou de ser revivida, rememorada, recontada oralmente até nossos dias atuais e essa incrível experiência é retratada no livro do Êxodo – EX: 12, 21-28. Outro exemplo é a Eucaristia na Igreja Católica, um

rememorar a morte e ressurreição de Jesus: a Páscoa, sendo renovada todos os dias, com a cerimônia de um novo cordeiro, mencionado no Novo Testamento, especificamente no Evangelho de MATEUS – MT:14, 22-26.

Os indígenas cultivam a arte de contar, exercício de rememorar, uma forma de preservação. Graças a essa oralidade passada de pai para filho a cultura foi se perpetuando. Minha avó era a contadora de histórias da família, algumas bem duras e sofridas, outras engraçadas, devemos a ela os laços que nos unem com as figuras do passado pela memória oral.

Recordo que “Busca pé”, personagem do filme brasileiro “*Cidade de Deus*”, rememorou as origens do seu bairro em dito filme⁸, ele faz um breve relato de como o seu bairro o “Cidade de Deus” nasceu. As cenas são marcantes e também familiares, pois foi dessa mesma forma dramática que o Pirambu foi ganhando contorno e se tornando a imensa favela que é hoje. O filme mostra pessoas de todas as idades fugindo da fome, em busca de uma terra melhor para sobreviver. Pessoas humildes chegando com trouxas nas costas, carregando bacias, panelas, sacolas, crianças, animais, maltrapilhos e cambaleantes, eu me vi naquela cena do filme, chegando no Pirambu com meus avós, meus pais, com minha mãe carregando minha irmã Adriana na barriga, um monte de trapos, coisas velhas que fazia dó de se ver. Uma familiaridade de realidades que se repetem em diversos cantos do Brasil e do mundo, sendo hoje as migrações uma questão humanitária.

Chegamos ao Pirambu em maio de 1977 e a situação no local era bastante precária. Não havia água encanada, a energia era feita de forma improvisada, não havia saneamento básico, as ruas eram todas na terra batida, para dar alguma regularidade ao caminhar, muitas casas possuíam o piso igual à rua. Havia algumas dunas, muito mato e o esgoto correndo a céu aberto. As crianças brincavam na rua pulando os morrinhos de areia, caçando vagalumes, brincando com o capim, saltando na lama e como a energia era muito precária, obtida de forma irregular, os chamados “gatos”⁹, então havia muita queda de energia e as crianças aproveitavam a situação para improvisar lanternas artesanais, feitas de lata de leite com pedaços de vela dentro. A queda de energia que para os adultos era desagradável, para nós era alegria e diversão.

Na rua a diversão era garantida, qualquer pedaço de madeira, cordão, arame, fios, era possibilidade de criação, de brincadeira, logo surgia um brinquedo que podia ser usado pelo

⁸ Com um grande impacto internacional, o longa se tornou um marco no cinema brasileiro, tendo sido indicado ao Oscar nas categorias de melhor diretor, melhor roteiro adaptado, melhor fotografia e melhor edição.

⁹ Ligação clandestina de energia elétrica.

coletivo. Pneus velhos, viravam transporte, gravetos desenhavam no chão a amarelinha, pedaços de pedra viravam brincadeira, o lúdico corria solto nas brincadeiras, meninos e meninas misturados brincando juntos. O documentário “*Território do Brincar*”¹⁰ explica bem sobre a magia dessas experiências, ajuda a reviver essas brincadeiras, descobrir a riqueza que são esses momentos na infância.

Chegamos numa casa de taipa¹¹, paredes bastante toscas, pintadas com cal, haviam pedaços desmoronando da parede. Quando criança, comia a areia da parede, fazendo pequenos buracos com os dedos indicadores, minha avó dizia logo que era verme. “*Dá remédio pra essa menina, que ela tá cheia de lombriga!*”, gritava.¹² O piso era composto de vários pedaços irregulares de cerâmica, uma espécie de mosaico, pedaços de diversas cores e modelos, acredito que eram restos de alguma demolição, que havia sido reaproveitada pela antiga moradora. Aos meus olhos de crianças aquilo era uma obra de arte, dava gosto de olhar, contar os pedaços, saltar de um pedaço para outro, um tipo de desafio pessoal.

Figura 3 – Minha casa em 1979, na Rua São Raimundo, Pirambu. A criança na porta sou eu, aos três anos, olhando minha mãe que havia terminado de lavar roupa.



Fonte: Acervo pessoal.

No quintal, cercado com varas e arames, haviam alguns matos e, minha mãe começou a regar esse pequeno pedaço verde, naquele momento era a única conexão com o verde que

¹⁰ O Território do Brincar é um trabalho de pesquisa, documentação e sensibilização sobre a cultura da infância e sua expressão mais genuína: o brincar.

¹¹ Também chamado pau-a-pique. É uma trama de madeira onde o barro é lançado e batido com as mãos.

¹² Os antigos diziam que as crianças comiam as paredes e outros materiais estranhos porque estavam com lombrigas.

havia lá no interior de Itapipoca. Mas para surpresa eram na verdade pés de maconha, deixados pelo antigo morador, que diziam haver morrido de coma alcoólico. Uma vizinha alertou com os olhos por entre as brechas das varas, para que minha mãe se livrasse do mato, caso contrário seria presa. “*Isso é maconha! Tira logo daí!*”, disse ela. De imediato ela jogou tudo fora e aos poucos, conhecendo a redondeza, começou a trazer mudas de plantas para casa, criando quase que uma floresta em casa, construindo a sua conexão com o verde tão presente desde sua infância.

Minha mãe era ainda adolescente quando chegamos no Pirambu, tinha somente 17 anos e eu apenas um ano de idade. Uma mulher do interior, ainda ingênua, que veio para a cidade grande, fugindo da seca que assolava o interior do Ceará, veio de “mala e cuia”¹³ acompanhada de seus pais, o esposo e suas duas filhas. Mas logo essa menina cresceu, a ingenuidade interiorana se transformou em coragem e resistência e ela virou uma grande guerreira dentro do bairro, aprendeu a lutar, a se expressar, aprendeu que o povo tem seu direito, o seu lugar e que não podemos nos calar, que era preciso gritar e assim ela fez, pouco a pouco foi se engajando até um dia se tornar a líder comunitária do lugar.

Sobreviver no Pirambu nunca foi fácil, era preciso conviver com a violência, o preconceito por parte do restante da cidade, até mesmo por parte dos próprios moradores do bairro, que tinham suas casas mais distante da praia, éramos chamados os “da beira da praia”¹⁴. Isso nos dividia em classes sociais dentro do bairro e namorar alguém que morasse mais próximo da Avenida Leste Oeste conferia um certo status às meninas da “beira da praia”.

2 O PIRAMBU TEM CHEIROS, SABORES E SONS

“Ando devagar, porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe. Só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei.
Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs...
É preciso amor pra poder pulsar. É preciso paz pra poder sorrir.
É preciso a chuva para florir. Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente.
Como um velho boiadeiro, levando a boiada, eu vou tocando os dias, pela longa estrada, eu vou. Estrada eu sou (...) todo mundo ama um dia, todo mundo chora. Um dia a gente chega. E no outro vai embora. Cada um de nós compõe a sua história. E cada ser em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz”.

(Almir Sater e Renato Teixeira, 1992)

¹³ Termo usado para dizer que alguém levou tudo que possuía consigo.

¹⁴ Termo pejorativo, carregado de segregação, usado para designar quem morava nas proximidades da praia.

O Pirambu tem cheiro de gente, cheiro de mar. Tem som de gente falando alto, som de criança correndo e sorrindo, cachorro latindo, pombos batendo suas asas a cada distração que passa por eles. Som das máquinas de costura, das costureiras que trabalham horas a finco. De pás arrastando na pista, amassando o cimento para mais um puxadinho que está sendo feito sobre os casebres, para acolher mais um membro da família que chega e a faz crescer. Sons de carros, motos, pedestres para lá e para cá, sons das águas do mar batendo nas pedras do quebra-mar, do vento truculento que bate nas velas das jangadas e balança os coqueiros que teimam em ficar de pé. Tem sons dos ambulantes que passam todos os dias, já fazendo parte da rotina sonora e incansável do velho-jovem Pirambu: *“Ohhhh!!!! A balinha de gengiiiiiiiiibrrreee!”*, *“Au! Au! Au!”* - Respondem os cães na rua! *“Avisa pra mamãe! avisa pro papai! Chegou o carro do churros, churros entra! churros sai! Ai ai! Churros entra! churros sai!”*, *“Está passando o carro da laranja e do abacaxi!”*, *“Ohhhhhhhhh... o miiiiilllhhooooooooo!!!!”*, *“É o Big Express. Sorvete pra você e pra toda a família, compra mãe! Compra!”*. *“Oooooolhaaaa oooo cheiro veeerrrdeee!!! Mastruz e capim santo!!!”*.

Tem o cheirinho de graxa da “oficina do bolinha ciclo”, do “galeto do Maguin”, do “churrasquinho da vila”, do bolo do “Boleiro”, da “padaria da Pasteur”, do “peixe do Luciano”, dos “salgados do Bob” e da “Delícias de Alice”, o gostinho dos “pratinhos da Dió”, da “canja da Dinha”, do “churrasquinho do Thiago” ... tem o cheiro do suor das crianças que saem do judô lá no projeto Emaús e dos trabalhadores que passam voltando pra casa, depois de um dia duro de muito trabalho...

Tem o som da mãe África no toque dos atabaques dos terreiros do Isná e da Deise, os cantos ecoam pelas ruas, fazendo-nos lembrar de onde viemos, das nossas raízes. Tem o som do jogo de futebol na Areninha ou mesmo na esquina de qualquer rua. O som de aço sendo cortado, batido e remendado na oficina do Léo, som este que ouço no exato momento que faço essa escrita. Tem o som da gafieira, do reggae, do brega e outros ritmos, que vez ou outra um morador põe para ouvir juntamente com toda a vizinhança, uma prática muito comum no lugar. Tem também o som das buzinas das “lotações”¹⁵, acompanhado do grito: *“Vai pro centro!!!”*. Som do ônibus Vila Santo Antônio e do Vila do mar, passando na Avenida Nossa Senhora das Graças, do grito da mulher que chegou atrasada para pegar o coletivo.

Ao falar de transporte, ele era muito precário nos anos 80 e 90, só existia uma linha chamada Vila Santo Antônio que demorava muito, a população precisava ficar esperando mais de uma hora o ônibus passar e assim poder chegar ao centro da cidade e transporte público era

¹⁵ Carros que fazem o transporte clandestino dos moradores ao Centro da Cidade e cobram o mesmo valor do ônibus.

artigo de luxo, “*muitas vezes eu não tinha o dinheiro da passagem*”, comentou Tereza, uma moradora. Tantas vezes a população fazia o trajeto do Pirambu ao centro da cidade a pé, subindo pela marinha, passando pelo cemitério São João Batista. Eu fiz essa viagem muitas vezes a pé, cortando caminho ao lado do antigo IML (Instituto Médico Legal)¹⁶.

São muitos os cheiros, sabores e sons do Pirambu, que o torna como é, único e impossível de caber em palavras.

O certo é que o Sol ilumina soberano cada cantinho do bairro, um vento forte que leva tudo que encontra pela frente. É um atrativo para as praias, gerando fonte de renda para muitas famílias do local. Pirambu é potência, é força nas pessoas, nos pequenos negócios que se encontram em cada canto, cada esquina, mostrando o espírito empreendedor desse povo que se nega a desistir.

Pirambu é movimento, é dinâmico. O dia começa cedinho e logo tem vida, tem movimento nas vielas, gente que vai e que vem e essa dinâmica vai até altas horas, sempre tem gente nas ruas. É costume do local ficar nas calçadas, amontoados, aglomerando, coisa proibida na pandemia, o que colaborou com os muitos casos de “*covid 19*”¹⁷ na região. Enfim, sempre há alguém nos “*corres*”¹⁸ da vida em qualquer hora que se possa imaginar, o Pirambu não para nunca.

Figura 4 – Visão de satélite do Pirambu, onde é possível ver a localização das duas comunidades que o forma: Nossa Senhora das graças e Cristo Redentor.



Fonte: Google Mapas

¹⁶ Hoje renomeado por PEFOCE – Perícia Forense do Estado do Ceará.

¹⁷ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.

¹⁸ Gíria popular usada para designar trabalhos informais, bicos na periferia para ganhar o pão, sejam lícitos ou ilícitos.

Sendo hoje a terceira maior favela do Nordeste e a sétima do país, de acordo com matéria do jornal O Povo¹⁹, na edição de 29 de dezembro de 2021, é cortada por duas grandes Avenidas: Nossa Senhora das Graças e Leste Oeste, esta última também conhecida por Presidente Castelo Branco.

Há muitos pequenos comércios, alguns iniciaram e logo morreram, outros comércios sobrevivem há muito tempo, com antigos comerciantes que há décadas estão atuando no ramo, caso do Sr. Amaral, na Rua Santa Inês, do Zé Auri, que existe desde que sou criança, na Rua Santa Eliza, onde eu roubava as mãos cheias de farinha e arroz pra comer, de grandes sacos postos sobre estrados de madeira, para venda à granel. Como era bom lamber o papel da margarina comprada lá. O Zé “tacava” uma colher de margarina num pedaço de papel e dobrava, naquela época as condições não nos permitiam comprar mais que aquela porção por vez. Voltando ao papel, a margarina o transpassava e podíamos passar a língua no papel pelo caminho, até chegar em casa. Tudo era vendido à granel, ou seja, em porções: Uma colher de margarina, um terço de feijão, meio quilo de arroz, uma porção de óleo no saquinho, um pedaço de sabão pavão, uma banda de Bombril, um rolinho de papel higiênico, na época era um rosa, bem grosseiro que parecia folha de jornal.

Ouvia muito meu saudoso avô dizer: *“Oh! Pirambuzin bom! Terra Boa! Onde tudo o que se planta, nasce!”*, expressão do interior usada para dizer que um local tem boas condições para viver. Um lugar como uma mãe, que acolhe a todos, onde todo mundo encontra uma forma de sobreviver, de prosperar. Também dizia que *“ninguém morre de fome no Pirambu”*, todo mundo se vira de alguma forma para ganhar o seu pão.

“Um bairro que conhecemos nossos vizinhos participamos da vida dos mesmos. Onde ainda podemos comparar um vizinho antigo como parte da família. Isso é incrível!”. (M^a Ferreira, 50 anos)

Quem mora ou morou no bairro tece muitos elogios a ele, são unânimes em afirmar que morar no Pirambu é *“como você ter um grande laboratório de conhecimento e aprendizado. Pirambu é a grande universidade da vida”*, disse uma moradora que hoje mora em Messejana. Um lugar *“Agradable, dejé mi corazón. Ha sido un tiempo muy feliz y de aprendizaje”*, comentou saudosamente Ir. Elisabete Mereu (65 anos), médica pediatra, que morou e trabalhou por mais de 20 anos no bairro e ajudou a salvar muitas crianças da desnutrição, além de acolher e amparar adolescentes em situação de risco social e ajudar às

¹⁹ “Há 60 anos, o Pirambu marchou pelo direito à moradia em Fortaleza”. » Jornal Publicado 01:15 | dez. 29, 2021. Por Marcela Tosi.

mulheres encarceradas. Hoje essa religiosa está no Peru, em missão. Muita gente está no bairro há muito tempo, já na quarta geração, como o caso de D. Neusa (84 anos), que disse: *“morar no Pirambu é uma honra pra mim, criei meus filhos aqui, netos e agora bisnetos, não troco por outro bairro”*. Demonstrando a identidade já enraizada no lugar. Por sua vez Francisco Isná (56 anos), presidente atual da Associação do Pirambu (ACAMP), comentou que *“Morar no Pirambu é bom, é gostoso, se não tivesse violência seria um paraíso!”*. Todos aqueles que conversei durante a elaboração deste trabalho mencionaram a questão da violência como um fator que preocupa, amedronta, mas que, comparando a outros bairros, segundo a opinião deles, no Pirambu está melhor de se viver.

Figura 5 – Ruas do Pirambu em 1970 e nos anos 2000.



Fontes: Blog's Pirambu Pensante e Fortaleza Nobre (respectivamente).

Algo muito interessante nesse lugar é que sempre tem gente nas calçadas, crianças na rua e todo canto, onde tem fila, há pessoas juntas, existe automaticamente uma oportunidade de socialização, de fazer amizade, de contar os fatos e padecimentos da vida, de conhecer os outros ou de fazer um favor a alguém. As relações pessoais acontecem de forma muito natural, um povo muito sociável! O outro parece ser o amigo de infância, vai logo desabafando os problemas que estão acontecendo em casa, as brigas, as aflições, as doenças, as ausências, tudo que o está preocupando. Todos os lugares onde as pessoas se encontram, as conversas acontecem, no final vão embora e a conversa recomeça em outro lugar.

3 E PASSANDO UM OLHAR NOS ESCRITOS SOBRE A TERRA PIRAMBU

“Eu sou fio do nordeste, não nego mi naturá. Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá. Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginá. Minha linda vaca estrela e meu belo boi fubá.

Quando era de tardezinha eu começava a aboiar. Êêêê Iaaaaa êêê vaca estrela, Ôôôô boi fubá. Aquela seca medonha fez tudo se trapaiá, não nasceu capim no campo para

o gado sustentar. O sertão esturricou, fez os açude secar, morreu minha vaca estrela, se acabou meu boi fubá...” (Patativa do Assaré, 1980).

Após recordar esse cordel de Patativa do Assaré, que expressa a saudade do sertanejo por sua terra, sentimento que meus avós carregavam estampados nos olhos e hoje enchem os olhos de lágrimas, trago para começar a viagem, nos escritos sobre da história do Pirambu, as palavras de Cavalcante (2016), que disse:

“As cidades são construídas de histórias, memórias e mistérios, feitas de um estuário de afetos, retóricas, discordâncias, interesses, apegos, datas e festas. Grandes celebrações. São os homens com seus sólidos perfis que constroem e desmancham as cidades todos os dias”. (CAVALCANTE, 2016, p. 1)

É nesse movimento de desconstrução e reconstrução que o Pirambu segue se perfazendo dia a dia e o morador dele faz parte desta grande engrenagem.

O Pirambu faz parte da grande história de Fortaleza, que este ano completa 296 anos, com uma história por vezes desconhecida, tal como a história do grande Pirambu, uma história construída entre tantas outras histórias, conhecidas ou anônimas, carregadas de muito afeto e vivências de um povo resiliente e firme. Histórias que precisam ser lembradas pela população do lugar, para que não esqueçam do esforço daqueles que abriram caminhos para a geração atual. Um fato experimentado nas conversas com os moradores durante a construção deste trabalho. Pois,

“As lutas do passado são energias, que nos move, nos movimenta para que sejamos lutadores de hoje. As conquistas de hoje foram através das lutas dos nossos ancestrais”. (M^a Zélia, 58 anos).

Localizado na área litorânea da zona oeste da cidade de Fortaleza, o bairro Pirambu sempre foi representado por um estereótipo muito carregado de preconceito e discriminação, de violência e miséria desde suas origens, uma terra esquecida e à margem da sociedade. Um preconceito que gerou uma espécie de segregação, que lutamos até hoje para romper.

“(…) um bairro esquecido durante muito tempo pelas autoridades locais, sendo lembrado apenas nos discursos dos jornais que se reportavam a ele como sendo reduto de bandidos, prostitutas e tuberculosos”. (NOGUEIRA, 2020, p.17)

O bairro que chegou a ser considerado a maior favela do Brasil, possuía um amontoado de casebres, sem saneamento básico, transporte e serviço de saúde. Quando começou a tomar a forma urbana, era tida como área de risco, terra onde imperava a lei do mais forte e qualquer bate boca terminava em tragédia (SILVA, 1999, p. 26).

Mencionar o fato de morar no Pirambu foi e ainda é motivo de preconceito, “*Sempre digo que moro no Cristo Redentor*”, desabafou uma moradora, para evitar situações constrangedoras como falas ou olhares pejorativos. Mencionou outra moradora em tom de brincadeira, algo que marca a sua trajetória como profissional: “*Quando fazia cursinho pré-vestibular ou outros cursos, no momento da apresentação bastava eu dizer onde morava já se ouvia o coro ‘viiiixiiii’!!!*”

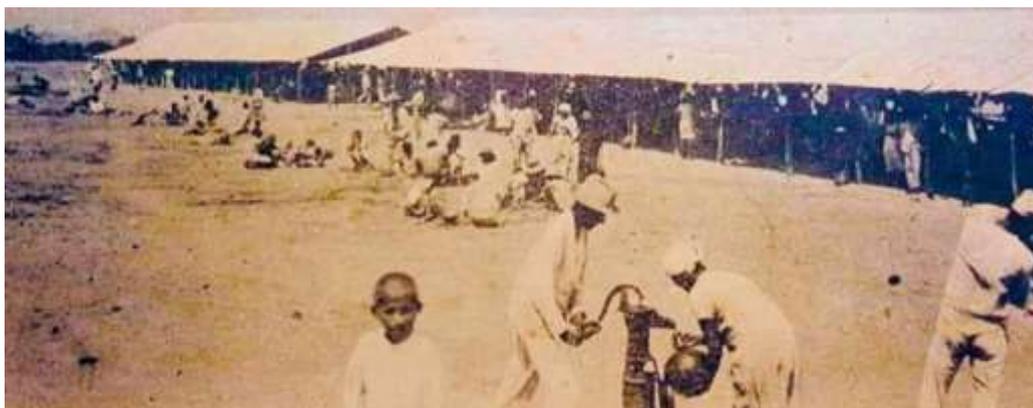
“*Já fui discriminada por morar no Pirambu, pois as pessoas pensam que no Pirambu só moram marginais e não é verdade, também moram pessoas de bem*”, acrescentou Arlene Cacao.

Bem mencionou Nogueira (2020), recordando as origens do bairro, a ideia de estigmatizado, como marginal e perigoso, permanece no imaginário de muitos moradores ainda hoje, fazendo parte de uma cultura abstrata, presente no inconsciente. Estigma este que o povo carrega desde sua formação da década de 1930. Quando alguém passava a morar nas terras do Pirambu, passava a receber o atributo, por parte da classe média e alta, de pessoa má e perigosa, indesejada e inferior.

Portanto, a má fama do local era conhecida por todos e para conseguir emprego os moradores não poderiam dizer que moravam ali, bem menciona Silva (1999, p. 81): “Indignados, negavam morar no Pirambu. Em qualquer bairro, ou no centro da capital, o Pirambu não tinha valor”. “*Sempre digo que moro no Cristo Redentor, não falo Pirambu, pra não sofrer preconceito*”, mencionou uma moradora.

Vale destacar que o povoamento do Pirambu se deu de forma bastante dramática, em decorrência das migrações provocadas pelas secas e pelo avanço do mar sobre a Praia de Iracema. Surgiu a partir do “Campo do Urubu”, nome oficial do que era um campo de concentração, onde ficavam reclusas pessoas consideradas inoportunas ao convívio social, como eram considerados os retirantes que chegavam a Fortaleza vitimados pela seca de 1932, que devastou o semiárido nordestino de uma ponta a outra. Dessa forma, na união de povos de diferentes lugares o Sertão e Mar formam o DNA do Pirambu, como afirma Cavalcante, 2016.

Figura 5 – Campo do Urubu, localizado nas proximidades da Colônia.



Fonte: Acervo Valdecy Alves (Arquivo Nacional).

Curioso que a maioria dos moradores, que compartilharam um pouco de suas memórias neste trabalho, nunca ouviram falar deste campo de concentração. É graças ao trabalho de historiadores e pesquisadores que uma pequena parte da história foi trazida à luz, porém com poucas informações a respeito. “*Sim, já ouvi falar. Mas sei muito pouco sobre isso...*”, comentou D. Neusa (84 anos), quando questionada sobre a existência do Campo do Urubu. Apenas um morador tinha conhecimento do local e foi por meio de leituras acadêmicas. É um estudante da UFC, Francisco Claudemir (42 anos), que disse: “*Soube que foram refugiados da seca de 1930 e que se instalaram pelo Pirambu em busca de sobrevivência*”.

Refletindo sobre o apagamento desse trecho importante da história do Pirambu, arrisco-me a inferir que tenha sido algo proposital, por parte de quem queria evitar comprometimentos políticos ou criminalização futura, por atos de violação dos direitos humanos praticados no local. No entanto, são apenas especulações que levanto, como uma graduanda curiosa, quem sabe uma futura pesquisadora da questão.

Outra curiosidade é o nome Pirambu, dado ao bairro. Pirambu é uma denominação dada pelos índios tupis, significa “peixe roncador”, espécie existente no litoral nordestino, também conhecido por sargo-de-beiço. Por ser um peixe muito arisco é preciso muita calma e paciência para encontra-lo. Ele é uma espécie que normalmente fica em locais fundos rochosos, recifes, cascos de navios ou barcos afundados, por baixo de pontes, píeres ou outras construções marítimas, rochas com bastante vegetação e corais, se esconde em tocas saindo nos finais da tarde somente para buscar alimentos. À noite e o início do dia são os períodos em que está mais ativo²⁰. Talvez o nome dado ao bairro se deva ao temperamento forte da

²⁰ Site Pesca na Praia. Sargo de beiço. 2015. Link: <https://pescanapraia.com/sargo-de-beiço/>

população, na época em que recebeu a nomenclatura. (Grifo meu).

Figura 6 – Peixe Pirambu ou Sargo de beíço.



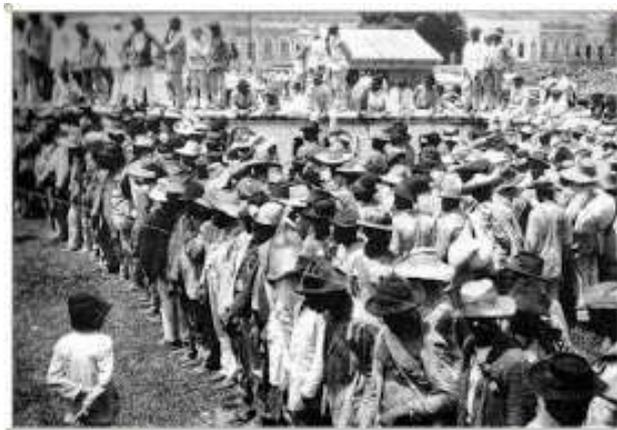
Fonte: Pirambu News On-line.

Outro fato importante da história a ser recordado é trazido por Silva (1999), que entre os batalhadores por dias melhores para o Pirambu, havia um aliado forte, o Jornal Gazeta de Notícias, com o jornalista Lesso Bessa. O jornalista se lançava em tudo que não prestava e destaca que o Pirambu o devia muito, pois este dava visibilidade ao sofrimento do povo pirambuense, dava voz à população miserável. Uma miséria que as autoridades da época faziam questão de ocultar. Os invisíveis só apareciam quando haviam crimes que produziam manchetes sensacionalistas. “*Tempo de muita luta e dificuldades*”, comentou Marcos da Silva (52 anos), ao lembrar o que ouvia dos antigos moradores.

A vinda de fábricas para a região oeste de Fortaleza foi um fator importante para o crescimento do Pirambu. Várias fábricas concentraram-se especificamente na Avenida Francisco Sá, indo do Riacho Pajeú, no Jacarecanga, até às margens do rio Ceará, então grande parte dos operários foram morar na periferia, fazendo crescer as favelas, inclusive o Pirambu. Estes apesar de trabalhar, tinham salário precário e viviam uma vida humilde. (CAVALCANTE, 2016).

Muitas famílias foram chegando o compoendo o bairro, vindos de Itapipoca, Sítios Novos, Meruoca, Rio grande do Norte, Pacajus, Trairi, Caucaia, Cascavel, Crato, dentre outros lugares, trazendo junto a sua cultura, uma bagagem de vivências, de sonhos e esperanças por um pedaço de chão e uma vida digna. “*Vimos do Crato no interior do Ceará para fugir da fome e das dificuldades da época*”, comentou Marcos da Silva (52 anos). Sheila (54 anos) disse: “*Vimos de Sítios Novos em busca de emprego. Foi nos anos 64*”, lembrando o que ouvia dos pais quando discorriam sobre o passado.

Figura 7 – Povos vindo da Seca para o Pirambu.



Fonte: Blog Pirambu Pensante

Os problemas vividos no Pirambu eram nítidos, então o Partido Comunista Brasileiro viu ali uma possibilidade de trabalhar a consciência política da massa, explorada pelo capitalismo opressor e entre os anos de 1940 a 1950, passaram a organizar os operários do Pirambu, disseminando os ideais socialistas e dando forma aos movimentos sociais. Estiveram junto do povo ensinando a lutar por terra, trabalho e pão. (CAVALCANTE, 2016).

4 INSPIRAÇÃO CRISTÃ DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A igreja católica, inspirada pela teologia da libertação, uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, à luz do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, teve um papel muito importante na organização do bairro Pirambu. Nogueira menciona que foi uma paróquia viva e atuante, que fez o bairro nascer, crescer e organizar-se, a partir da luta pela desapropriação das terras. (NOGUEIRA, 2020). Os moradores acreditam que a Igreja foi essencial para a organização do bairro, como menciona Dona Neusa (84 anos): *“A igreja ajudou na fundação e na construção do bairro Pirambu”*. Erivania, acrescentou: *“As igrejas que se diz cristãs todas deveriam fazer parte das lutas por transformação para uma vida digna e humana do seu povo”*.

Esta mística, que impulsionava a igreja na luta social, junto ao povo do Pirambu, refere-se à teologia da libertação, que aponta a exigência do verdadeiro cristão em viver o Evangelho, por meio da opção preferencial pelos pobres, os excluídos e marginalizados, brilhantemente explicado por Leonardo Boff:

“La praxis de Jesús supone que establece un nuevo tipo de solidaridad que supera las diferencias de clase y las inherentes a la propia vida. Procura defender a todos en su derecho, pero especialmente a los pequeños, a los enfermos, los marginados y los pobres. Todo lo que divide a los hombres, como la envidia, la codicia, la calumnia, la opresión y el ódio es combatido por Jesús, el cual propugna el espíritu de las bienaventuranzas, el único capaz de transformar este mundo digno de la mirada de Dios”. (BOFF, 1980, p. 175)

Nessa história de luta e vivência mística, a figura de uma pessoa em especial se destaca, um sacerdote revolucionário chamado Hélio Campos, um sertanejo, assim como os demais que deram origem ao bairro, que chegou ao Pirambu em 1958, permanecendo lá até 1968. Durante estes anos Padre Hélio, um homem incansável, revolucionou o Pirambu e lá fundou uma igreja atuante e inspirada na opção pelos pobres. Diz-se sobre este sacerdote:

“Era preciso ter sorte para encontrá-lo em casa. A hora mais certa era aos domingos, no horário da santa missa. Era muito mais fácil encontra-lo num canto qualquer do velho Pirambu, pois ele vivia preocupadíssimo com a vida má do povo do bairro mais populoso do Ceará. Metido no quente, ameaçado por todos os diabos, sem medo algum, e aos poucos a miséria ia se afastando”. (SILVA, 1999, p. 36).

Figura 8 – Padre Hélio nas ruas do Pirambu com autoridades.



Fonte: Blog Pirambu Pensante

A igreja teve um papel educativo importantíssimo na formação do Pirambu, fomentando a busca por autonomia, com uma ação histórica e revolucionária, transformadora da cultura local (forjada no sofrimento e luta pela sobrevivência), construindo uma cultura de paz e respeito, libertadora e emancipadora. Desta maneira, este modo de ação cultural, como ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante. Neste sentido é que toda revolução, se autêntica, tem de ser também revolução cultural. (Freire, 1989).

“A igreja foi muito importante, as duas igrejas: Nossa Senhora das Graças e Cristo Redentor, apoiaram muito o povo! A Arquidiocese ajudou muito, mandava leite pra distribuir para as famílias que tinham criança pequena. Dom Aluísio Lorscheider vinha muito no Pirambu, acompanhar, ver como as comunidades estavam, ele sabia notícias daqui através da Casinha da praia”. (Dita Cacau, 63 anos)

Padre Hélio teve a ajuda de uma grande aliada, a assistente social Aldaci Barbosa, que estagiava numa fábrica de tecidos. A mesma havia confessado ao sacerdote que estava frustrada com o trabalho que vinha desempenhando na fábrica, pois era orientada a desarticular toda e qualquer tentativa de organização por parte dos operários, indo contra os princípios de sua profissão. Na ocasião, Hélio a convida para atuar no Pirambu. Silva (1999), retrata a presença do serviço social no bairro, como aquelas que se entregaram de todo coração às mais terríveis ruínas que passava o bairro, que vieram amenizar as dores daqueles que choravam e clamavam por uma vida melhor. Elas trabalhavam de dia e de noite sem parar e estavam sempre em todo lugar.

A população do Pirambu carrega um sentimento de gratidão por Padre Hélio, é uma figura ilustre e respeitada, está presente na memória afetiva do povo, percebe-se nas seguintes falas a importância de sua presença e ação na comunidade:

“O que deu pra perceber, é que foi um padre diferente. Um padre que não vivia só de oração, e sim de muita ação. Vivia o verdadeiro sentido do evangelho. Seus ensinamentos até hoje vivem em memória”. (Erivânia).

“El transmitió, descubrió y vivió valores”. (Ir. Elisabete).

“Muito além de padre um verdadeiro líder”. (Marcos da Silva).

“Sem dúvida, um grande sacerdote envolvido não só com a evangelização, mas com a igualdade e justiça”. (Maria Ferreira).

“Ele até nas chuvas no meio da canela e ele no meio, ajudando os pobres com as casas sendo levadas pela água. Ele era muito querido e respeitado. Ele ensinou muitas coisas boas, que devemos ser cidadão de respeito e sempre fazer o bem ao próximo”. (Dita Cacau).

“Através da interação com a comunidade, suas lutas em prol da melhoria de vida, por uma sociedade menos desigual, com certeza ali ele plantou a semente para que hoje o Pirambu seja a comunidade rica em culturas. Com trabalhadores organizados nos movimentos e partidos políticos”. (Maria Zélia).

“Sei que ele foi um padre aqui no Pirambu que trouxe muito benefício para o bairro, acredito sim que ele ensinou muito ao nosso bairro”. (Dona Neusa)

“O padre foi um padre e homem de sabedoria, os mais velhos dizem que ele botava moral, fechava forró. Era um sábio e defensor da comunidade”. (Francisco Isná)

“Sim, com ele o Pirambu nasceu e ele acreditou no bairro”. (Adriana Maria)

5 A MARCHA DO PIRAMBU: O “BIG BANG”.

“Águia, você nunca deixará de ser águia! Você já sobreviveu a tantas desgraças! Você recuperou, um dia, seus olhos. Você é feita para a liberdade e não para o cativeiro. Então, estenda suas asas! Erga-se! E voe para o alto!
 (...) Uma águia tem dentro de si o chamado para o infinito. Seu coração sente os picos mais altos das montanhas. Por mais que seja submetida a condições de escravidão, ela nunca deixará de ouvir sua própria natureza de águia, que a convoca para as alturas e para a liberdade!” (Leonardo Boff, *A águia e a galinha*, 2014, p. 44)

Liderada por Padre Hélio, a marcha do Pirambu ocorreu em 1962 e significou um verdadeiro “*Big Bang*” nas origens do Pirambu. Ele percebeu que precisava organizar a população, unir todo o povo do local para lutar por suas reivindicações, buscar a melhoria das condições de vida, por dignidade e respeito, despertar o seu instinto de águia. O povo precisava unir-se pois, conforme Freire (1989), na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem e dividem, mantê-las divididas são condição indispensável à manutenção de seu domínio. A unificação das massas populares significava uma séria ameaça à essa hegemonia. Hélio compreendia bem isso. “*Pirambu marchar! Ensinou a população que crescer é lutar pelos direitos humanos*”, mencionou cantando um trecho do hino do Pirambu e explicando o que a marcha representou, uma ex-moradora do bairro, Adriana Maria (43 anos).

Figura 9 – Missa antes da saída para a Marcha do Pirambu, na Paróquia N. S. das Graças.



Fonte: Blog Pirambu Pensante.

Era preciso brigar por sua dignidade, ir à luta, tornar-se visível diante da invisibilidade em que a população estava imersa. Pois não possuíam nada, eram a sobra, o que restou do campo de concentração criado na capital pelo governo, em ocasião da seca de 1932, como

solução para prestar assistência aos indigentes. (CAVALCANTE, 2016). E Silva (1999), complementa: “A vida daqueles favelados era horrível. O que possuíam com fartura eram os filhos”. O povo estava cansado da situação e precisava fazer algo, faltava só quem puxasse a mobilização.

“Ouvi falar sobre a Marcha do Pirambu. O hino era cantado nas comunidades. Pirambu marcha! Pirambu marcha! Por um mundo melhor vamos lutar! ... A Marcha influenciou pra gente ficar consciente que tudo era acessível, dos direitos que todos nós temos.”. (Dita Cacau, 63 anos).

Uma vida diferente era ansiada pela população sofrida e fomentada pela Igreja. Silva (1999) relata que, todos sonhávamos com um futuro cheio de glória e com um Pirambu novo que mostrasse ao mundo como se lutava contra a miséria. Cada lar sentia seus problemas e a angústia da vida. Ali se gritava e chorava pedindo misericórdia a Deus.

E a cidade precisava ouvir o clamor desse povo, ter conhecimento da realidade. A Marcha foi uma ferramenta estratégica, como menciona uma moradora sobre a Marcha:

“Sei que foi um dos maiores movimentos e articulação organizada pela comunidade do grande Pirambu. Conheço a música sim, claro! Foi ato de muito aprendizado, um grande legado deixado pelo nosso padre Dom Hélio Campos”. (Ervânia Queiroz)

Foram feitas muitas reuniões nas casas de alguns moradores, que motivados pelo desejo de mudança da situação que viviam e pela necessidade da luta pela desapropriação da terra, foram assumindo uma posição de liderança. Então no dia 1 de janeiro de 1962, ocorreu a Marcha do Pirambu, que tinha por objetivo reivindicar a desapropriação das terras, obtidas depois com o Decreto Lei nº1058 de 25 de maio de 1962²¹. Segundo Cavalcante (2016), este evento reuniu 20 mil pessoas no seu percurso até o centro da cidade e chamou a atenção para o bairro, que virou notícia. Religiosos e lideranças naturais do bairro, moradores do Pirambu, entre outros ativistas, puseram-se em marcha, em direção ao Palácio do Governo. Seguindo o percurso das praias até a avenida Francisco Sá, caminharam rumo ao centro da cidade, sempre cantando canções populares cristãs, com letras de ânimo e resistência, bem como o hino do Pirambu. O hino era o seguinte:

“Vem ver, ó Fortaleza. O Pirambu passar.

²¹ <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decmin/1960-1969/decretodoconselhodeministros-1058-25-maio-1962-353017-publicacaooriginal-1-pe.html>

Somos pessoas humanas. Temos direitos que ninguém pode tirar.

Somos cristãos que não temem. O Cristo é nosso ideal.

Por Ele todos faremos. A reforma social.

Pirambu marchar. Pirambu marchar.

Por um mundo melhor vamos lutar". (2X)

(Letra de Pe. Gerardo Campos, irmão de Pe. Hélio Campos).

A marcha, conforme Cavalcante (2016), obteve a atenção da sociedade inteira. Nos dias seguintes deste evento não se falava em outra coisa. Os jornais, inclusive o Gazeta de Notícias, mencionado anteriormente, deram destaque a este primeiro acontecimento do ano de 1962. Com a repercussão do feito, a juventude aderiu ao movimento de recuperação do Pirambu.

Figura 10 – Convocação para a Marcha feita no Correio do Ceará.

PASSEATA DE 40 MIL FAVELADOS DO PIRAMBU A 1º. DE JANEIRO DE 62

No próximo dia 1º. de janeiro, o padre Hélio Campos, vigário do Pirambu, promoverá uma passeata com o comparecimento de pelo menos 40 mil pessoas, todas habitantes daquele bairro. A manifestação terá como objetivo alertar as autoridades públicas para o drama vivido pela gente favelada do Pirambu. A passeata sairá do bairro e ganhará o centro da cidade, com cartazes alusivos às reivindicações daquela zona suburbana praleira. A passeata já está sendo preparada, confeccionando-se as faixas e os cartazes.

NADA RECEBEU

Apesar do então presidente Jânio Quadros ter destinado ao Pirambu uma verba de 50 milhões de cruzeiros, para a humanização do bairro, a verdade é que até agora aquele suburbio não recebeu um centavo sequer. O auxílio federal se destina a promover a arborização do Pirambu, a construção de avenidas, calçamentos, chafarizes, um sistema de esgotos, postos médicos, lactários, escolas, etc. Todos esses problemas continuam sem solução à espera da verba prometida.

ESTADO, NADA

Também o Estado até agora não veio em socorro ao Pirambu. Recordar-se que o deputado Luciano Magalhães apresentou um projeto abrindo um crédito de 5 milhões de cruzeiros, como contribuição do Estado para a recuperação do Pirambu. Essa proposição, ao que se sabe, ainda tramita pela Assembléia.

Correio do Ceará - Dezembro de 1961

Nasce então, um movimento popular, que se denominava Campanha de Recuperação do Pirambu, envolvendo vários atores, como a Igreja, a juventude, as lideranças comunitárias,

em defesa das famílias ameaçadas de despejo, por parte da família Braga Torres, que alegavam serem os donos das terras ocupadas pelos moradores do Pirambu. O jornal Gazeta divulgou notas a respeito. O governo, como era de se esperar, afirmava não ter envolvimento algum com o fato. (CAVALCANTE, 2016, p. 52)

A marcha não resolveu de imediato a questão da desapropriação, apesar de ela ter dado visibilidade ao bairro. Segundo Cavalcante (2016), Padre Hélio, em desespero, emitiu um SOS ao Governo Federal, solicitando a intervenção das autoridades na defesa da população, ameaçada de despejo, dizendo que os moradores resistiriam até a morte. Prevendo uma catástrofe, o Governador do Ceará na época, Virgílio Távora, providenciou a preparação do decreto de desapropriação, que foi assinado em tempo recorde. Padre Hélio foi logo transferido para o Maranhão e em seguida, misteriosamente, os arquivos do Centro Paroquial foi incendiado, local onde eram guardados os documentos das atividades do movimento Campanha de Recuperação do Pirambu. A marcha foi um impulso para a mobilização do bairro, fez a população ter visibilidade diante das autoridades, despertou em muitos o desejo de lutar por outras questões, como saúde, educação e saneamento básico. Segundo Francisco Isná, 56 anos, presidente da atual Associação do bairro (ACAMP): “Ensinou sobre os direitos, deu origem a vitória, mostrou a situação dos carentes e que eles tinham direito”.

Figura 11 – Trecho do jornal comentando alguns desdobramentos da Marcha.



Fonte: Blog Fortaleza Nobre.

Recentemente, dia 29 de dezembro de 2021, o jornal O Povo publicou uma matéria sobre os 60 anos da marcha do Pirambu, afirmando ter sido um marco para o processo de conscientização de classe, tendo ocorrido às vésperas da Ditadura Militar. A matéria traz a fala de seu Zé Maria Tabosa, 80 anos, um ilustre morador do bairro, sapateiro, escritor: "Tinha bem umas 5 mil famílias morando aqui. Vivíamos sob temor porque duas famílias, os Braga

Torres e os Carvalho, diziam que eram donas das terras e podiam tomar da gente”. Zé Maria também recorda que a Marcha foi o ápice das articulações que aconteciam desde 1958. “Nessa época eu tinha 16 anos e um dia mandaram para casa um convite para uma reunião. Lá estava sendo discutido o que se fazer para não pagar os tributos que devíamos a essas imobiliárias”, recorda.

Figura 13 – Matéria do Jornal O Povo sobre o Pirambu

02/01/2022 14:18

HÁ 60 ANOS, o Pirambu marchou pelo direito à moradia em Fortaleza | Reportagem | OPOVO

Reportagem

Há 60 anos, o Pirambu marchou pelo direito à moradia em Fortaleza

A "Marcha sobre Fortaleza", como chamaram os jornais, marcou um processo de conscientização de classe às vésperas da Ditadura Militar

Início - Jornal

Publicado 01:15 | dez. 29, 2021 Tipo **Notícia** Por **Marcela Tosi**



"Vem ver, ó Fortaleza, /



Foto: FOTOMONTAGEM DE ISAIC BERNARDO pirambu

*O Pirambu passar /
Somos pessoas humanas /
Temos direitos que ninguém pode tirar"*

Era o primeiro dia de 1962 e o Hino do Pirambu ecoava pelos quase cinco quilômetros percorridos até a Praça da Sé. Cerca de 30 mil pessoas, conforme noticiou **O POVO**, caminhavam levando cartazes como "Não adianta combater o comunismo; é preciso fazer cristianismo", "Quem só vive para si não deveria ter nascido" e "É pecado mortal morrer de fome". A Marcha do Pirambu marcou a história dos movimentos por moradia e justiça social na Capital.

Hoje o bairro é, no mapa de Fortaleza, um trapézio estreito que se equilibra entre o mar à frente e a avenida Leste Oeste atrás. À direita, o bairro Jacarecanga, delimitado pela rua Eduardo Studart; à esquerda, a avenida Pasteur o separa do

<https://www.opovo.com.br/pt/pt/reportagem/2021/12/29/ha-60-anos-o-pirambu-marchou-pelo-direito-a-moradia-em-fortaleza.html>

Fonte: Jornal O Povo - Publicado 01:15 | dez. 29, 2021 Tipo Notícia Por Marcela Tosi

A matéria segue dizendo que a marcha pelo Pirambu foi uma forma de mobilização e

pressão do governo e da sociedade, no sentido de trazer à tona os problemas vividos dentro do bairro Pirambu. Foi um momento em que a população teve voz e visibilidade, para dizer a todos que o Pirambuense queria ocupar o seu espaço dentro dessa cidade. Olha, nós estamos aqui! Não somos mais a sobra, o resto do campo de concentração do Urubu!! Somos gente...

6 MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO LIBERTADORA

“Quando o dia da paz renascer, quando o Sol da esperança brilhar. Eu vou cantar!
Quando o povo nas ruas sorrir e a roseira de novo florir. Eu vou cantar!
Quando as cercas caírem no chão. Quando as mesas se encherem de pão, eu vou sonhar!
Quando os muros que cercam os jardins, destruídos então os jasmins, vão perfumar!
Vai ser tão bonito se ouvir a canção. Cantada, de novo! No olhar do homem, a certeza do irmão. Reinado, do povo. Quando as armas da destruição. Destruídas em cada nação. Eu vou sonhar! E o decreto que encerra a opressão. Assinado só no coração, vai triunfar!”

(“Utopia” – Autor: Zé Vicente)

Quando falo de movimentos sociais na origem do Pirambu, refiro-me aos esforços coletivos de organização que ocorreram no bairro, as estratégias locais de mobilização, uma luta articulada entre os moradores, ou grupos, a exemplo disso temos a casinha da praia, que em torno do interesse comum, da luta em comum, tanto pela Terra, como pelos demais direitos inexistentes ou violados no local e necessários para a população, caminharam no sentido de dignidade de vida para todos.

“Estive nos movimentos a minha vida toda, sou filho do primeiro líder comunitário de Fortaleza. A primeira passeata, para conseguir água e esgoto para o Pirambu, em 1980, com meu pai o senhor Zequinha e mais de 400 pessoas, na época foi destaque. Meu pai quem o conheceu sabe que foi quase um pai para o Pirambu sua luta e sua história é muito grande”. (Marcos da Silva, 52 anos).

Nas origens do bairro Pirambu havia uma situação de caos, ao estilo faroeste, onde cada um lutava com as próprias mãos para defender sua família, pela sua própria sobrevivência, pelo seu próprio teto, pelo direito de viver. Era uma luta individual, mas quando a população descobriu a necessidade de articulação política, que juntos somos mais fortes, a trajetória histórica do bairro mudou. *“A mãe contava que tinha muito morro, carrapateira, pra chegar na praia era longe, as casas eram de taipa, os muros eram de flandes, as coisas eram muito difíceis...”*, comentou um morador.

Essa consciência de luta, da necessidade de articulação não nasceu de um dia para outro, nem chegou com essa autonominação, foi nascendo de forma bem simples. Foi por meio de reuniões, encontros, lendo parábolas de Jesus, trechos do evangelho, cantando as

canções populares que alimentavam o ímpeto de luta e a certeza da Vitória contra a situação opressora e de violação dos direitos. Esses momentos faziam o povo pensar que a justiça social, pregado pelo evangelho, também era direito deles e que não cairia do céu, precisava ser conquistada, ir em busca dela e juntos era melhor! E a comunidade buscou a união. Havia um espaço para a associação na rua São Raimundo que, mesmo ainda em construção, servia para as reuniões, com bancos improvisados em pedaços de tábuas velhas empilhadas sobre tijolos, dispostos em forma circular. Juntava-se um bom número de moradores no local e antes de começar as reuniões cantavam canções populares, com letras fortes que retratavam a luta, a esperança e a igualdade. O que era dito nas canções era reforçado nas falas que alimentavam o sentimento de unidade e confiança de que era possível mudar o mundo, mudar a sociedade, criar um espaço onde todos pudessem serem respeitados e ter o suficiente para viver com dignidade.

“Na época que eu tinha 10 anos, hoje tenho 43 anos, minha mãe lutava pelos direitos humanos, para a comunidade crescer, pelo posto de saúde, creche no Pirambu, esgoto que ninguém tinha banheiro, para população ter seu banheiro... é o que eu lembro na minha infância. Eu tenho orgulho da minha mãe que lutava pelo povo, ela se chama Raimunda vilani (Dita)”. (Adriana Maria)

Abaixo, fotos de reuniões da Associação dos Moradores do Pirambu, antes da construção da sua primeira associação.

Figura 14 – Reunião do Pirambu, origens da Associação



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15 – Reunião da Comunidade. Anos 80



Fonte: Acervo pessoal

Figura 16 – Minha mãe e irmã caçula. D. Dita era líder comunitária do Pirambu nos anos 80.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 17 – Reunião da Comunidade.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 18 – Encontro das comunidades em Lagoinha, Paraíba.



Fonte: Acervo pessoal

Com o tempo o espaço da associação se tornou pequeno para as demandas da comunidade, não cabia o tamanho do sonho que o povo tinha, então foi criada a ACAMP - Associação Comunitária de Ajuda Mútua pelo Pirambu, nome escolhido em uma reunião que levantou várias propostas sugeridas pelos moradores, este foi o mais votado, sendo o que mais representava o significado daquele espaço para a comunidade, que segue até hoje e está situada na rua Santa Inês.

Figura 19 – Francisco Isná, atual presidente da ACAMP - Associação Comunitária de Ajuda Mútua pelo Pirambu. Foto durante a entrevista para a realização deste trabalho.



Fonte: Arquivo Pessoal

Mas, o que é mesmo esse tal de Movimento social?

Movimentos Sociais são o espaço coletivo de construção de homens e mulheres comprometidos com a luta de desconstrução das tradições, ou como Rodrigues (2011) menciona, das narrativas utilizadas estrategicamente criadas para instituir diferenças, hierarquias e naturalizar relações de poder, garantindo a hegemonia. Interpelando os sujeitos, de formas distintas, estabelecendo diferentes processos de identificação. O Movimento Social "põe a nu" as contradições sociais. Pode-se dizer que contexto, coletividade, sentimento de pertença, movimento, identidade de projeto, organização, luta e transformação são expressões fortes que, interconectadas, permitem compreender o caráter educativo dos Movimentos Sociais. (PALUDO, 2005).

Para Calado (2007), o exercício da mística é importante como parte integrante no processo formativo dos movimentos sociais, significa a rememoração histórica do exemplo de sujeitos cuja trajetória de luta tenha contribuído para o avanço da causa das classes populares. Constitui um favorável e oportuno espaço de renovação interior dos compromissos e da fidelidade das lutas sociais. Esta é a importância de rememorar a história do Pirambu,

recordar as pessoas que deram a vida, se sacrificaram para construir este bairro. Para assim, alimentar o comprometimento com a continuidade de sua transformação e emancipação. Pois:

“Exercitar a memória histórica, por meio da mística, de modo a reavivar a memória de lutas de movimentos passados e contemporâneos, bem como de figuras do povo que atestaram e atestam fidelidade à causa dos que vivem do trabalho”. (CALADO, 2007. P. 113).

É graças à generosidade de um grupo de moradores, dentre eles alguns ex-moradores, que se dispuseram a partilhar um pouco de suas memórias neste trabalho, que foi vivenciado o exercício de memória histórica dos fatos e pessoas da história do bairro, proposto anteriormente por Calado (2007). Estes relembrou as figuras importantes para a comunidade, aqueles que agora nos servem de exemplo e que dedicaram grande uma parte das suas vidas para lutar por este território, inspirando-nos hoje e eis que surgiram alguns nomes nas suas falas, foram: Airton Barreto, Zé Maria Tabosa, Dalva, Sr. Zequinha, Dita Cacau, Padre Hélio, Erivânia Santiago, Irmãs da Redenção, Joãozinho, Gilton, Antônio Branco, Afonso, Dona Gesimar, Dona Ninha e Frei Martins. Para mim, ver o nome de minha mãe a Dita Cacau ser mencionado, foi de uma grande emoção, que me pôs a chorar copiosamente, por lembrar do esforço e sacrifícios que ela fazia para se dedicar totalmente à comunidade, suas ausências de casa nos afetavam muito, trazia bastante sofrimento, sentíamos a sua falta e apesar de entender que ela estava cumprindo uma missão importante, isso não eximia a dor. Sinto muito orgulho dela a ponto de doer. Foram muitos pais e mães de família que renunciaram de si e de suas famílias para lutar pelas famílias dos outros, até de família que sequer os conheciam.

Quanto a educação libertadora, outro ponto deste capítulo, entende-se a toda ação educativa formal ou informal que ensina as pessoas e grupos a refletir sobre o mundo, uma educação que leva a questionar, a querer libertar-se da opressão do sistema que atua para mantê-las conformadas com a sua condição dentro da conjuntura a qual fazem parte e mantêm. O que remete à história da Águia e a galinha²², descrita por Leonardo Boff em seu grande livro: “*A águia e a galinha*”. Somos levados pelo sistema opressor a pensar que somos galinhas, no entanto temos a águia dentro de nós! O povo do Pirambu passou muito tempo vendo-se como galinha, conformados à situação de abandono das autoridades e invisibilidade frente ao restante da Cidade, no entanto, quando os movimentos populares nasceram, despertaram a consciência de águias, impulsionou o povo a abrir as asas e levantar voo. A

²² A Águia e a Galinha é um livro de Leonardo Boff que apresenta uma metáfora da condição humana através da história de uma águia que, tendo sido capturada por um camponês, era criada junto às galinhas.

marcha do Pirambu e outras reivindicações por direitos foram exemplo disso.

“Sim, fiz parte do Movimento das comunidades do Pirambu como moradora e líder comunitária. Participei de muita reivindicação no Cambeba, em Canindé e Fortaleza, uma vez com a presença do Sarney pra reivindicar moradia, saneamento, água, luz e educação, pra Cidade de Fortaleza. Comecei indo enquanto moradora e depois como líder comunitária”. (Dita Cacau)

Quando digo educação informal, refiro-me a Paludo (2005), que diz que a “educação não se confina à escola, embora reconheça que possui um papel a cumprir”. Portanto, os diferentes espaços de convivência humana constituem-se em espaços educativos: escola, família, trabalho e também os movimentos sociais.

“Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço (...) Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação”. (FREIRE, 1967, p. 93).

Os movimentos sociais possuem um caráter educativo para os que participam deles, pelo fato de formar o indivíduo, no sentido de desenvolver nele a capacidade de reflexão e compreensão da realidade, de atuar de maneira crítica, constroem saberes, valores, novas relações sociais.

“Os Movimentos sociais formam porque (re) educam os sujeitos que deles participam. No espaço dos Movimentos, os trabalhadores dispersos se transformam em sujeitos coletivos que elevam sua autoestima, sentem-se parte, atuam politicamente, socialmente e culturalmente, transformando-se em sujeitos”. (PALUDO, 2005, p. 12)

Figura 20 – Encontro da comunidade para celebrar o tradicional festejo de São João, década de 80. D. Dita, líder comunitária segura a garrafa.



Fonte: Arquivo pessoal.

Participar representa uma adesão transformadora, Gohn (2011) explica que há um caráter educativo nas práticas que acontecem no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade em geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos. Todos aprendem na atuação dos movimentos sociais com os saberes produzidos nesse processo coletivo. “*Participei da primeira passeata para conseguir água e esgoto para o Pirambu, em 1980, com meu pai o Sr. Zequinha e mais de 400 pessoas, na época foi destaque!*”, disse Marcos da Silva, morador todo orgulhoso do feito e ciente da importância que ele teve para o bairro, junto com seu pai, no sentido de construção da cidadania e conquista de direitos.

Para Rodrigues (2003), “Há certo consenso de que os movimentos sociais propiciam a difusão dos ideais de emancipação, alimentam os desejos de liberdade, mas também podem ser vistos como agentes que anunciam o novo ao denunciar as contradições existentes e desafiar os códigos culturais dominantes”. Há uma educação política para a vida, quanto aos direitos, participação e mobilização social, no sentido de transformar a realidade opressora. Como afirma Freire (1989): Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se “inserirem” nela criticamente. Pois:

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 1967, p. 97)

A Educação popular, que é aprendida na participação popular, se dá de forma permanente, na vida toda, conforme Paludo (2005), e se dá sem fronteiras, ocorre num diálogo amplo com o movimento internacional dos trabalhadores, por exemplo, ligada às condições de vida das classes populares e comprometida com a melhoria da sua qualidade de vida. É também vinculada às diferentes propostas e às forças que a representam e disputam os rumos do desenvolvimento do nosso país. Eles expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberta. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em fazeres propositivos, por meio do coletivo, desses movimentos sociais.

Formado pelas contradições e tensões sociais e pela dinâmica da luta concreta, um Movimento torna-se um coletivo organizado que, no cotidiano, é fonte de vivência de novos padrões culturais que não são os hegemônicos na sociedade capitalista, constituindo sujeitos individuais e coletivos que buscam a conquista de sua humanização, pois somente quando os

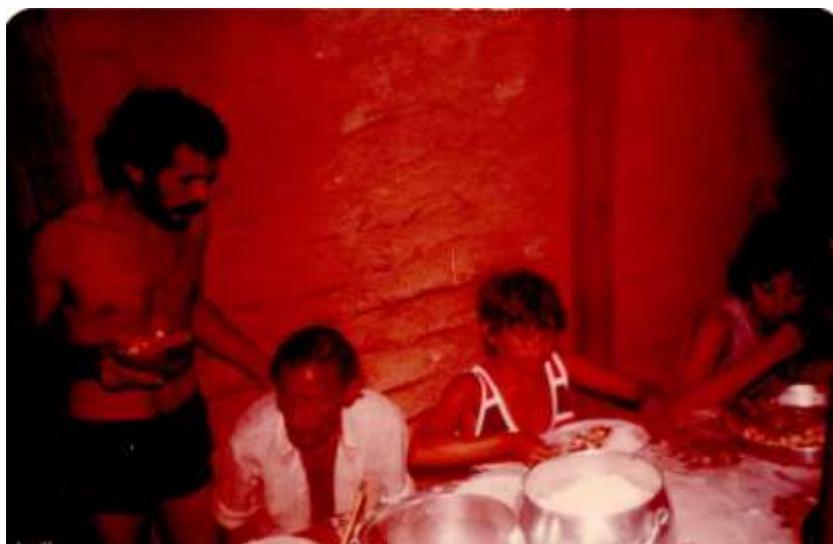
oprimidos identificam nitidamente o opressor e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superam sua “conivência” com o regime opressor. Isso não acontece de forma puramente intelectual, mas na ação, para que se torne mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1989, p. 33).

7 “CASINHA DA PRAIA”: INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO

“Somos gente nova vivendo a união. Somos povo semente de uma nova nação ê, ê
Somos gente nova vivendo o amor. Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê
Vou convidar os meus irmãos trabalhadores, operários, lavradores, biscateiros e
outros mais. E juntos vamos celebrar a confiança, nossa luta na esperança de ter
terra, pão e paz, ê, ê”. (Zé Vicente)

A casinha da praia, nome dado pelos moradores, nasce da uma utopia de dez jovens que em 1984, instigados pelo projeto libertador do Evangelho, de opção preferencial pelos pobres, resolvem viver em comunidade laica para atuar junto da comunidade nascente do Pirambu, na luta por justiça e igualdade social. Foi um dos primeiros movimentos populares que surgiu no decorrer dos anos de lutas por afirmação enquanto bairro, mesmo que não denominando-se como tal, para eles não havia uma definição clara para o grupo. É certo que este grupo desenvolveu um importante trabalho de resgate da memória, apoio jurídico, alfabetização, saúde, habitação e geração de emprego e renda. Para Nogueira (2020), o que marcou de fato foi a luta contra a violência do bairro.

Figura 21 – Casinha da Praia na hora do almoço. Sempre tinha gente da comunidade para comer. Airton Barreto de calção, em pé.



Fonte: Arquivo pessoal.

Pádua Santiago de Freitas, um dos fundadores da Casinha da Praia, comenta, durante a Live²³ organizada pelo Blog “Pirambu Pensante”, em 14 de outubro de 2020, que a Casinha da Praia era algo desconhecido, que era conhecida por quem morava no bairro ou que se aproximou dela, que ao procurar em jornais não encontrou nada que reportasse a ela. Uma única matéria de jornal que a menciona é referenciando a casinha à Pastoral Urbana. “A gente aparece no jornal como se fosse a Pastoral Urbana [...] do ponto de vista da imprensa a casinha não existia, não tem indícios”, menciona Pádua.

No entanto, o próprio Pádua reflete que a “invisibilidade” do Movimento tenha sido uma estratégia do grupo e que não foi premeditada, nasceu deles, do contato com o lugar e as problemáticas. Quem conheceu o Pirambu nessa época entenderia essa postura, pois nos anos 80 quem lutava por justiça social, liberdade, progresso para o povo e contra o “esquadrão da morte”²⁴ era perseguido e silenciado, realidade sentida não só aqui como em toda parte do Brasil.

A Casinha nasceu como um movimento popular e tornou-se um movimento social pela projeção que ganhou, bem como foi uma ponte de comunicação entre os pobres e organizações internacionais de diversos países, no intento de trazer melhorias para a comunidade.

Localizada na Travessa São José, a Casinha da Praia, que começou com Airton, Rogério e Júnior, em 1983, recebia os moradores da comunidade e realizava um trabalho de educação popular numa perspectiva da Teologia da Libertação, de uma Igreja libertadora. Mantiam contato com a Arquidiocese de Fortaleza, por intermédio de Dom Aluísio Lorsheider, com o qual “*descobrimos formas mais próximas das práticas de Jesus*”, como destacou Pádua. Recordo que Dom Aluísio andava pelas ruas, comia feijão cozido dentro de latas, no meio da rua junto da comunidade. Via aquele homem simples conosco e sentia o quanto éramos importantes. A Casinha foi essencial para o bairro, ensinou o povo a se organizar e lutar por seus direitos, como recorda D. Dita:

²³ Live da 2ª Temporada do “Pirambu em cena”, dia 14 de outubro de 2020, Youtube, organizado pelo Blog “Pirambu Pensante”, sobre o Movimento Casinha da Praia.

²⁴ O Esquadrão da Morte foi uma organização paramilitar surgida no final dos anos 1960 cujo objetivo era perseguir e matar pessoas tidas como perigosas para a ditadura militar.

“Eu conheci e trabalhei com eles. O Airton trouxe os Franceses. Através da Casinha da Praia veio o Padre Henry, fundador do movimento Emaus, que trouxe o movimento pra cá e existe até hoje, recebendo e consertando coisas usadas, sob o comando do advogado Airton Barreto. Através da Casinha da Praia veio também a comunidade Quatro Varas, que nasceu em uma reunião com a demonstração de algumas varas: com uma vara se conseguia quebrar, com duas ainda quebrava, com três dificultava, mas com quatro varas não dava para quebrar, pois a união faz a força da comunidade. A Casinha nos ajudou a saber como reivindicar das autoridades, através das grandes reuniões”. (Dita Cacau, 63 anos)

Foi um movimento que deixou marcas no Pirambu, fomentou na comunidade a esperança de que um lugar diferente, a igualdade social e a solidariedade eram possíveis, que a participação de todos era essencial para negar a tradição construída pela elite acerca da periferia marginalizada, uma tradição de preconceito e discriminação aos moradores do grande Pirambu. A negação da tradição pode ser traduzida na forma de luta política e implica o questionamento das relações de poder estabelecidas hegemonicamente. (RODRIGUES, 2011).

“Foi um movimento de jovens que corajosamente nos ajudou, pois eles conheciam as leis e nos protegiam das injustiças, pois éramos ignorantes mesmo, sem conhecimento. Eles conseguiam projetos para ajudar o bairro, inclusive eu acredito que o posto da Santa Elisa foi por intermediário desses jovens da Casinha da Praia”. (Maria Ferreira, 50 anos).

Assim sendo, a Casinha da Praia foi uma ferramenta educativa dentro da comunidade, *“foi lá que tudo começou. Com o Dr. Airton de Paulo Barreto, grande Advogado dos Direitos Humanos, ensinou o povo a lutar pelos seus direitos. Foi aí que o povo se uniu!”*, afirmou a ex-moradora Arlene Cacau. Foi por meio da presença, do exemplo, das suas práticas que a Casinha da Praia propôs um novo projeto de sociedade alternativo, que por meio da educação popular buscou contribuir para a emancipação das classes populares e sua participação política. Assim trabalha o movimento social:

“[...] realizando a formação política e conscientizando para a ação; articulando a formação com a organização e com a luta; desejosa de promover o protagonismo popular – povo como sujeito de sua história; com ênfase maior nos espaços não formais e relacionando, de modo incisivo, a formação com a organização das classes populares e com os processos de luta.” (PALUDO, 2005, p. 8)

Figura 22 – Airton Barreto da Casinha da Praia falando sobre a importância do voto do Pirambu no comércio da então candidata Maria Luiza Fontenele, Partido dos Trabalhadores, para a Prefeitura de Fortaleza. (1985)



Fonte: Acervo pessoal.

Segundo Pádua, foi graças à Casinha da Praia que a zona eleitoral do Pirambu elegeu Maria Luiza Fontenele, a primeira mulher de esquerda como prefeita de Fortaleza. Foi uma conquista do povo no desejo de uma política mais voltada às periferias, ao pobre, ao trabalhador tão espoliado. A comunidade comemorou e percebeu mais uma vez que a sua união é capaz de produzir muita mudança e que a esperança por melhores condições de vida era um direito.

“A Casinha defendeu muito as pessoas lascadas, os mendigos do bairro, com eles soubemos o que era habitação. Eles ajudaram muito, fizeram reunião, palestra, Airton foi até preso e apanhou por defender o povo.” (Francisco Isná, 56 anos)

A Casinha trouxe uma nova proposta, um novo projeto de comunidade que inspirou o Pirambu e “ao propor, na vivência prático-educativa, um novo projeto de comunidade, eles acenam para um compromisso mais efetivo com a construção de uma sociabilidade alternativa ao modelo dominante, ao modo capitalista de organização social” (CALADO, 2007).

Freire (1967), salienta a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo

pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. O homem convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam. O poder do pensamento único, do qual precisamos fugir, mencionado por Calado (2007).

8 CANÇÕES POPULARES: ALENTO E CONVITE PARA A LUTA

“Caminhando e cantando e seguindo a canção. Somos todos iguais, braços dados ou não. Nas escolas, nas ruas, campos, construções. Caminhando e cantando e seguindo a canção. Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer! Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer!

Pelos campos há fome em grandes plantações. Pelas ruas marchando indecisos cordões. Ainda fazem da flor seu mais forte refrão. E acreditam nas flores vencendo o canhão”.

(“Pra não dizer que não falei de flores” – Autor: Geraldo Vandré)

Para Gohn (2011), atuando em redes os movimentos sociais constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Nessa luta eles têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. As canções são discursos feitos em forma de poesia, que sai da boca, entra no ouvido e vai para o coração, que tem poder de despertar a reflexão, a esperança, o desejo de sua concretização.

Nesse aspecto vale destacar o papel simbólico e educativo que as canções populares possuem na construção da identidade e mística dos grupos. Elas eram cantadas nas reuniões dos movimentos populares e associações do Pirambu, serviam de motivação para a luta e impulso nas reflexões sobre a vida do povo. As letras são carregadas de esperança e incentivo à resistência, levam a refletir sobre o papel social dos movimentos, alentam nos momentos de tristeza e desânimo. Retratam os sonhos do povo oprimido.

“Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se (...) Não há mudança sem sonho como não há sonhos sem esperança”. (FREIRE, 1992, p. 26)

“Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, eu vou... vai ser tão bonito se ouvir a canção cantada de novo, no olhar do homem a certeza do irmão, cantada de novo...”, começou a cantar D. Dita, ao recordar as canções que animaram a luta. *“Que país é este! Que país é este!”*, cantou Marcos da Silva, a canção do Legião Urbana, que para ele é uma música que questiona a situação do país. Erivânia logo cantarolou: *“ Eu sou*

feliz é na comunidade, é comunidade que sou feliz... a nossa comunidade se reuni todos os dias, na nossa comunidade se transforma em alegria". O próprio hino foi mencionado pelos moradores como uma canção que anima, mobiliza e conscientiza para a luta.

São vários os cantores que, no passado, embalaram a luta e continuam hoje animando a caminhada, com palavras motivadoras e fortalecedoras da mística para a resistência popular como Babi Fonteles e Zé Vicente. Eles, com seus poemas cantados, trazem à reflexão o homem do campo, o homem urbano, o favelado, o desempregado, o sonhador, o povo hebreu do antigo testamento, o povo cristão de hoje, o operário, o lavrador, os biscateiros, os índios, os negros, os esquecidos... todos unidos no esperar.

Zé Vicente canta a canção de Verinha²⁵ da Paraíba, na qual diz que:

"Trá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar. E nesse dia os oprimidos, numa só voz a liberdade irão cantar... Na nova terra os povos todos irmanados, com sua cultura e direitos respeitados, farão da vida um bonito amanhecer. Com igualdade no direito de viver". ("Axé – A autoria: Verinha do MARCA)

Anima ao dizer:

"Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar eu vou cantar, quando o povo nas ruas sorrir, e a roseira de novo florir, eu vou cantar. Quando as cercas caírem no chão, quando as mesas se encherem de pão, eu vou cantar... vai ser tão bonito se ouvir a canção, cantada de novo, no olhar do homem a certeza do irmão, reinado do povo..." ("Utopia" – A autoria: Zé Vicente)

Faz-nos refletir sobre as injustiças sociais, o latifúndio, desemprego e violência:

"Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente de uma nova nação, ê, ê... somos gente nova vivendo o amor, somos comunidade, povos do Senhor, ê, ê... Vou convidar os meus irmãos trabalhadores Operários, lavradores, biscateiros e outros mais E juntos vamos celebrar a confiança Nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê" ("Baião das Comunidades" – A autoria: Zé Vicente)

Babi dirá que a Justiça e o amor são como uma flor plantada que os nossos passos são como estrelas na madrugada, que:

"A gente junto é tão lindo. Nas ruas, estradas e praças. Parteiras da liberdade. O povo vencendo as desgraças dos que governam a maldade. Memória dos que tomaram vivos em nossa canção. Amores que nos marcaram. Roseirais no coração." (Arte e paixão – A autoria: Babi Fonteles)

Portanto, as canções populares são um convite para a luta quando propõe uma reflexão

²⁵ Artista do Marca – Movimento dos Artistas da Caminhada.

política em forma de poesia, das questões sociais, quando em seus versos traz a denúncia contra a dor do povo oprimido e a utopia por dias melhores. Sobre a utopia, Freire menciona:

“Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estática, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora novo presente”. (FREIRE, 1992, p. 91).

9 O CHAFARIZ: LUGAR DE ENCONTRO E PARTILHAR IDEIAS

“A gente pegava água no chafariz pra lavar roupa, louça, tomar banho. Pra beber comprava de um senhor que vendia, segundo ele era potável. A gente fazia fila e carregava as latas na cabeça”. (Dita Cacau, 63 anos)

A luta pela água foi uma das grandes mobilizações do bairro. Depois que o Pirambu aprendeu a reivindicar não parou e a necessidade de água e saneamento básico reuniu todo o povo, apoiados pela Casinha da Praia, associação do bairro e Igreja. Não havia água encanada, a população tinha dificuldades em conseguir água de qualidade. Para encontrar água, explica um morador:

“Primeiro era no campo, na Leste, perto do posto de gasolina, a água era boa... A água dos poços não era boa. A comunidade se reuniu com o Airton e trouxe melhoria. A própria comunidade fez o chafariz junto com os franceses...”. (Francisco Isná)

Havia um chafariz na rua Santa Elisa, que segundo Isná, foi feito com a ajuda dos franceses e ficava em frente ao número 351, perto da Pracinha do Abel. A população se reunia todos os dias, em torno desse chafariz, era um local de socialização onde colocavam-se as conversas em dia, falavam sobre as situações do bairro, reclamavam da falta da água, fomentava-se a mobilização por esta causa. Lá as pessoas se conheciam, era um local de encontro, de partilha e às vezes também de conflitos e confusões, em decorrência da ordenação dos baldes, e não era bem visto quem tomasse o lugar do outro! Precisava-se respeitar a ordem, cada um no seu lugar, esperando a sua vez. “*O chafariz era a única fonte de água, acordávamos cedinho pra pegar a fila no chafariz*”, explicou a Arlene Cacau.

Muitos pais levavam seus filhos para guardar lugar na fila da água, cada um com sua lata de tinta reutilizada, eram quadradas grandes com um pedaço de madeira pregado no centro, servindo de alça para a mão. Recordo que as latas eram maiores que as crianças, eu não conseguia erguê-las do chão, de tão grandes e pesadas. Ficava ali com os meus irmãos esperando a vez de encher as latas. “*Tinha fila no chafariz e eu pegava água pra vender pra*

conseguir leite e alimentar o meu pai”, relatou Maria Tereza. *“Recordo como hoje, eu lavava roupa no chafariz longe de casa saía com uma trouxa na cabeça pela manhã e voltava só a tarde, foi uma época muito ruim”*, relatou D. Neusa, ao recordar os tempos em que não havia abastecimento água na periferia.

Até uns 6 anos atrás o chafariz seguia lá, como uma memória concreta dos tempos de escassez de água, no entanto foi retirado pelos moradores. Eu fiquei muito frustrada, pois olhar o chafariz fazia recordar dos tempos da infância, recordar de como a comunidade se reunia ao redor dele todos os dias, para retirar água para tomar banho, lavar a roupa e outras necessidades, para beber *“comprava de um senhor que vendia, segundo ele era potável”*, explicou Dita Cacau. O chafariz possuía um valor simbólico, mesmo sem uso, mas que para outros não era uma recordação boa. Mas creio ter sido ali que suscitou força de lutar juntos por água encanada e de qualidade, realidade acessível hoje no bairro e que os jovens não fazem ideia de como foi alcançada. *“Após a luta e reivindicação da comunidade por água encanada, por fim chegou nos canos, no fim dos anos 80”*, destacou Marcos da Silva.

Hoje temos apenas a memória e uma foto deste símbolo que foi de suma importância para todos.

Figura 23 – Chafariz que ficava situado na Rua Santa Eliza, em frente ao número 351.



Fonte: Google Maps.

10 QUEREMOS SAÚDE! A SITUAÇÃO ANTES DA INSTITUIÇÃO DO SUS²⁶

“O posto foi feito pelos Franceses e a própria comunidade trabalhava nele, eles formavam os agentes de saúde. Eu fui uma agente de saúde formada por eles. Hoje faz muita falta, está fechado. Graças a Dra. Silvia, contratadas pelos Franceses pra trabalhar neste posto que hoje estou viva. Depois de uma cirurgia de ligação de trompa o médico esqueceu uma gaze dentro de mim, infeccionou e a Dra Silvia veio aqui em casa e tirou, foi sem anestesia mesmo, ela abriu o ponto, saiu muito pus, puxou a gaze e eu sobrevivi”. (Dita Cacau, 63 anos)

O SUS foi instituído apenas em 1990, pela Lei 8080²⁷. Antes dele, a comunidade se virava como podia, recorria às rezadeiras que com suas práticas orais curavam do quebrante, da espinhela caída, do mal olhado e outros males. Elas faziam suas rezas segurando folhas de pinhão roxo, enquanto recitavam umas falas aprendidas oralmente de outras rezadeiras, repassadas de geração em geração, corria o corpo das crianças com o pião e quando este murchava significava que o mal havia sido quebrantado. Dona Neves era uma dessas rezadeiras, uma mulher pequena, franzina, cabelos brancos, de sorriso largo, muito conhecida no bairro. Recebia a todos que chegavam na sua porta. Minha vó, Mariquinha, também era rezadeira, mas não gostava desse ofício, dizia não se sentir bem, que adoecia após os benzimentos, que absorvia os males das pessoas. Quando ela não estava bem para a reza eu e minhas irmãs íamos na Dona Neves para sermos benzidas.

Nas “bodegas”²⁸ vendiam alguns medicamentos para automedicação, tinha o “elixir paregórico”²⁹ antiespasmódico, contra gases, dores estomacais e dores intestinais. Vendia-se também a pílula, ou “pílula do mato”³⁰, como era popularmente chamada e servia para bronquite, sinusite, asma, vermes, falta de apetite, constipação, etc. O uso de ervas era muito comum, por exemplo: usava-se erva doce pra dores na barriga, eucalipto para gripe e soltar o catarro, alfavaca para asma, capim santo para acalmar os nervos, boldo para ressaca e indigestão, mastruz pra todo tipo de inflamação no corpo, quebra-pedra para infecção urinária, orégano para a cólica, uma lista infindável. Quando nenhuma das alternativas mencionadas funcionava recorria-se à Santa Casa de Misericórdia, no centro da cidade.

Por meio da articulação da Casinha da Praia e da Arquidiocese de Fortaleza, os Médicos do Mundo (Médicis du Mond) vieram para o Pirambu e desenvolveram um trabalho

²⁶ Sistema Único de Saúde.

²⁷ Lei 8.080/90 que institui o SUS. Disponível no link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm

²⁸ Pequenos comércios de bairro.

²⁹ É um extrato seco obtido da planta *Papaver somniferum* L. (Papaverácea). A tintura canforada de ópio.

³⁰ O medicamento tinha como base, na composição, o princípio ativo de duas plantas medicinais típicas cearenses: as conhecidas popularmente como Cabacinha e Batata de Purga. As pílulas eram usadas como laxante e remédio depurativo, que se propunha a limpar e afinar o sangue.

incrível na comunidade extremamente carente de saúde e tantos outros direitos. Eles criaram o posto de saúde na rua Santa Elisa e profissionalizaram os próprios moradores para atuar dentro da comunidade, apoiar os médicos nas consultas e visitas domiciliares, atendendo as demandas de curativos, injeções, pesagem das crianças, vacinação, etc. *“Eles foram muito importantes, trouxeram muitos benefícios principalmente pra nós mulheres, as médicas eram muito atenciosas”*, destaca D. Neusa.

Minha mãe e a tia Arlene foram agentes de saúde que atuaram no posto da Santa Elisa. Havia constantes capacitações que aconteciam em Fortaleza e em Canindé. Eu acompanhava minha mãe para tomar conta das irmãs pequenas e ficava encantada de ver aquelas pessoas vindo de terras tão distantes, falando outras línguas, com o fenótipo³¹ diferente do nosso. Eram pessoas muito dedicadas, sensíveis, carinhosas e atentas ao que estava acontecendo ao redor. Além de cuidar da saúde, eles trouxeram esperança para a comunidade que estava aprendendo a ser cuidada pelas mãos de seus próprios moradores.

“Conheci os médicos franceses de perto pois trabalhei com eles durante oito anos, como agente de Saúde. O nome do posto de Saúde da Santa Eliza tem o nome União pelo Pirambu e dado por mim”. (Arlene Cacau, 58 anos)

Figura 24 – Jean Carlos, francês integrante do “Médicos do Mundo”, em visita ao Posto de saúde (1986). Minha mãe no centro com minhas irmãs Emiliana (no braço) e Adriana (à sua frente).



Fonte: Acervo pessoal da Dita Cacau.

³¹É um conceito adotado em Genética e costuma ser definido como o conjunto de características observáveis de um organismo. Nesse sentido, incluem-se nesse conjunto as características morfológicas e fisiológicas de um indivíduo.

Figura 25 – Encontro de formação das agentes de saúde com o “Médicos do mundo.” (1985)



Fonte: Acervo pessoal.

Eles articulavam e financiavam a formação dos agentes de saúde, a vinda de doações de roupas, calçados, medicações e materiais de uso geral no posto de saúde. O respeito que eles tinham pela comunidade era inspirador, fazia-nos sentir importantes e quando terminou a missão de Fortaleza eles seguiram viagem para uma próxima missão.

“Sim, fui uma das agentes de saúde da época, era apoiado pela entidade MDM “Médico do Mundo”, tínhamos vários atendimentos, ginecologista, pediatra, educação no seguimento planejamento familiar, higiene, também tínhamos acadêmicos da UFC por intermédio do professor Adalberto Barreto irmão do advogado revolucionário Airton Barreto, quem não conhece o Airton?” (Maria Ferreira, 50 anos)

O posto sobreviveu por muito tempo gerido pela casinha da praia e apoio dos moradores. Com a criação do SUS passou a ser conduzido pelo Município, fechando na gestão do então Prefeito Roberto Cláudio. Hoje é apenas um prédio abandonado. “*Sim eu recordo do posto, me consultei lá. Faz falta ele hoje*”, desabafou Maria Tereza.

11 LAZER TAMBÉM É UM DIREITO! A PRACINHA DO ABEL

Outra luta importante no Pirambu que demandou mobilização popular foi referente à Pracinha do Abel, que na verdade trazia apenas o nome, mas não havia nenhuma estrutura física que representasse uma praça, somente uma pequena calçada e um esgoto a céu aberto que corria ao encontro do mar. No entanto, para uma comunidade tão pobre e tão carente, aquele pequeno espaço tinha um valor simbólico, criado nas vivências tidas ali, com um antigo morador chamado Abel, o que explica o nome do lugar. Ele era um morador muito popular, um artista que muitas vezes reunia as crianças para brincar neste espaço, no intuito

de divertir e ensinar valores importantes às crianças através da brincadeira.

Foram muitas as reivindicações para a revitalização do lugar e a construção de uma praça, solicitada e aguardada por mais de 40 anos. Os meios de comunicação de massa foram usados nessa mobilização, como mostra a matéria a seguir:

Figura 26 – Notícia do jornal online Pirambu News.

PIRAMBU NEWS ONLINE

Morador denuncia acúmulo de lixo e más condições do canal da Pracinha do Abel, no Grande Pirambu

PIRAMBU NEWS ONLINE 4 anos atrás



Leia matéria completa na íntegra:

Morador que vive na Pracinha do Abel conta que canal está sem condições e teme a quadra chuvosa.

"O morador que vive próximo ao canal da Pracinha do Abel, no bairro Pirambu, em Fortaleza, reclama do abandono da prefeitura e da falta de estrutura do local. Segundo ele, a situação do canal da pracinha do Abel precisa rapidamente de uma limpeza e de uma reforma. Mais o que tem acontecido, são várias promessas e já estamos em 2018 e nada foi feito até agora. Por favor suplicamos uma resposta para essa demanda", Finaliza Evandro Rodrigues.

Fonte: Jornal online "Pirambu News", de 04 de janeiro de 2018 <https://tvpirambunews.wordpress.com/2018/01/04/morador-denuncia-acumulo-de-lixo-e-mas-condicoes-do-canal-da-pracinha-do-abel-no-grande-pirambu/>

Após anos de muita insistência e espera, o local foi revitalizado como parte do Projeto Vila do mar³² e finalmente a praça chegou. Hoje a comunidade possui espaço para jogar bola, andar de *skate*, bater papo sentados na praça, com vista para o mar, com jardim, sem o lixo e

³² O Projeto de Urbanização Vila do Mar é um projeto municipal vinculado a Secretaria Municipal do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza – HABITAFOR baseado em reassentamentos, melhoramentos residenciais, normalização fundiária e urbanização dos bairros Pirambu, Cristo Redentor e parte da Barra do Ceará.

abandono de antes.

Figura 27 – Pracinha do Abel. Como era e à direita, como ficou após a urbanização.



Fonte: Pirambu News online e Jornal o povo (respectivamente)

Hoje o bairro tem novas necessidades, novas lutas, outros problemas para enfrentar, como a violência, o desemprego, o analfabetismo, a evasão escolar, a gravidez precoce, a captação dos jovens por facções criminosas, que se dá cada vez mais cedo, o abuso de drogas, o trabalho infantil, a mortalidade juvenil pela violência e tantas outras situações que assola não apenas o Pirambu, como a todo o Estado do Ceará e que gritam por políticas públicas efetivas, que atuem na raiz desses problemas, trabalhe nas causas e não apenas nas suas consequências, com um eterno trabalho paliativo, inútil e desgastante.

12 O LIMITE IMAGINÁRIO

Quem recorda o antigo kartódromo do bairro Pirambu? Foi perguntado aos moradores. Ele se chamava Kartódromo Governador Cesar Cals e foi inaugurado no dia 20 de outubro de 1973, junto com a primeira etapa da Avenida Leste Oeste³³. Pompeu & Tassigny (2004), em livro³⁴ promovido pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, destacam que o progresso chegou ao Estado do Ceará, em 1973, no Governo de César Cals, tempo marcado por profundas transformações tanto na política quanto na sociedade e cita a construção do Kartódromo, em conjunto a Avenida Leste Oeste, como “obra de um arrojado projeto de estruturação do Estado, particularmente da Capital”. (POMPEU & TASSIGNY, 2004, p.148).

Contudo, qual o progresso trazido para o Pirambu com a construção desta obra? Qual o benefício que um espaço para a prática de um esporte de classe média, poderia trazer para um bairro tão miserável? Qual a intencionalidade?

³³ Informação de 13 de junho de 2019, do “Blog Fortaleza em fotos”, que também tem uma Comunidade no face book, na qual resgata histórias e acontecimentos por meio de fotos da Cidade de Fortaleza, algumas bem raras.

³⁴ POMPEU, Gina Vidal Marcílio (Org.). História de Nossa Gente. Fortaleza: Editora INESP, 2004.

Uma obra deste porte, construída no local que marcava a divisão entre a área nobre de Fortaleza e a área favelada, trazia uma mensagem forte para quem estava do lado pobre, dizia-nos simbolicamente que ali era a nossa fronteira, não podíamos passar de lá. Então o Pirambu era uma outra cidade, a irmã pobre de Fortaleza e aquela fronteira nos impunha um limite inconsciente, nos segregavam no “nosso cantinho”. Note-se, na foto abaixo, que não há muros em torno do kartódromo, pois já era certo a quem pertencia o espaço. E sentíamos que aquele equipamento não era nosso, *“Nunca serviu pra nós”*, Maria Tereza (61) ressaltou enfaticamente em sua fala. Qual pobre tinha a possibilidade de possuir um Kart? Um morador diz: *“Lembro do Kartódromo, mas não servia pra nada, era pra rico... hoje tem “Areninha”³⁵ que é muito importante”*. (Francisco Isná).

Todos os moradores que foram ouvidos neste trabalho, não conseguiram ver uma utilidade, alguma serventia do Kartódromo Governador César Cals para as pessoas que viviam ali, a não ser fazer lembrar o nome do bairro, relacionando à localização do mesmo, como disse Marcos da Silva (52 anos): *“Não servia pro bairro em si pois não trazia nenhum benefício aos moradores, para divulgar o bairro sim”*.

Figura 28 – Kartódromo Governador César Cals, em 1973



Fonte: Blog Fortaleza em Fotos.

Com o passar do tempo o local ficou em desuso, abandonado, destruído e décadas depois, na gestão do Prefeito Roberto Cláudio, uma “Areninha” foi construída no local para a comunidade. Hoje é um espaço aberto a todos, que agrega, reúne, não mais divide e segrega. Temos agora um lugar que “serve” para nós. O morador do Pirambu ocupa hoje todos os espaços, as vezes timidamente por medo da violência e quer ocupar a cidade, a universidade,

³⁵ Projeto que visa levar para a população equipamentos esportivos de qualidade, onde a comunidade possa, além de praticar atividade física, ter um espaço seguro de convivência, lazer e formação cidadã.

o Congresso, o mundo.

Figura 29 – “Areninha” do Pirambu, localizada onde era o antigo Kartódromo.



Fonte: Pirambu News online.

Hoje existem no bairro vários movimentos, grupos e entidades que são filhos, são herdeiros do nosso grande “*Big bang*”, a Marcha, o grande evento que originou o Pirambu. Tem o Movimento Emaús Amor e Justiça, iniciado em 1992, que faz parte do Movimento Emaús Internacional e tem como objetivo lutar contra as causas da miséria proporcionando oportunidades de cidadania por meio da educação e geração de renda para a comunidade, buscando uma sociedade mais justa e solidária³⁶.

Existem comunidades religiosas, missionários que vieram colaborar com a transformação do bairro. Entre elas estão as Irmãs da Redenção, uma congregação religiosa de origem italiana, fundada pela Serva de Deus Madre Ana de Jesus, a qual fiz parte como religiosa durante oito anos de minha vida. Elas realizam um trabalho incrível no Pirambu e na Pastoral Carcerária, da Arquidiocese de Fortaleza, junto às mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Existe um movimento ambiental de limpeza, proteção e manutenção da área do litoral, o mesmo realiza um trabalho de conscientização dos jovens e comunidade e a coleta do lixo trazidos pela maré. Há também movimentos voltados ao esporte um deles especificamente focado no surfe, diversas escolinhas de surfe que organizam e capacitam a Juventude, que buscam criar uma cultura de não violência, uma cultura de paz e de cidadania. Ações que continuam hoje germinando a grande luta que deu origem ao bairro e que nunca parou de acontecer. Todos juntos no intuito de tornar o lugar que moramos num lugar melhor, de transformar a sociedade e torná-la mais justa e mais humana, cuidando do nosso espaço,

³⁶ Emaús Amor e Justiça. Rua Tomas Gonzaga, 226 Cristo Redentor, Fortaleza/CE CEP: 60337-300. <https://www.movemaus.com.br/>

cuidamos do planeta. Luta que extrapola os limites do bairro, é difusa, de todos e para todos. *“Com os projetos sociais existentes, a consciência da população é maior. O trabalho social influencia bastante para os avanços da comunidade”*, destaca Maria Zélia (58)

A população percebe os avanços que as lutas sociais trouxeram para o bairro e reconhecem que ainda faltam melhorias a serem conquistadas. Observam que:

“A infraestrutura hoje é melhor, educação ficou mais completa, com várias escolas com níveis diferentes ensino fundamental e médio e a educação de tempo integral. A saúde melhorou com a instalação da UPA, mesmo com as dificuldades dos equipamentos, mas contamos com 2 postos de saúde que dão suporte a comunidade”. (Fco. Claudemir, 42 anos)

“O Pirambu cresceu muito desde então. Hoje o povo tem várias escolas, moradia Postos de saúde. E saneamento básico”, acrescentou Arlene Cacau (58), que no momento mora em Itapipoca – CE. *“Não existe mais casa de taipa, hoje é só casa boa de tijolo, o saneamento básico, antes não tinha, era tudo fossa, muitas vezes estourada no meio da rua”*, complementa Dita Cacau (63)

Francisco Isná (56) explica que *“Melhorou em colégio, em posto de saúde, o único colégio era Cura Dar's, tínhamos que passar por um buraco, temos saúde.... Ainda falta muito a melhorar!”*, reconhecendo que precisamos continuar a luta. *“Atualmente pode se dizer que é um bairro cheio de oportunidades diversas”*, mencionou Greice Kelly (35 anos).

Muitos foram os avanços que foram acontecendo, segundo Maria Ferreira (50):

“Pois a discriminação era imensa, éramos conhecidos como o bairro do vixi! E hoje temos escolas, comércios, igrejas e já ganhamos até prêmios com o Pirambu digital, parceria com o CEFET, com o professor Mauro, e o Emaús Amor e justiça, com Erievania Santiago, escolas de surf e tantos outros”.

O Pirambu é um bairro muito importante, dentro da cidade de Fortaleza, tanto por sua história, sua localização, ser perto do Centro, como pela importância econômica. O fato de sermos excluídos pelo preconceito nos fez crescer e desenvolver dentro do nosso próprio espaço, buscar o crescimento, ganhar o pão no próprio bairro. Isso demandou muita criatividade, resiliência, força, o que contribuiu para criar o bairro que é hoje. Existem áreas que se destacam economicamente, a principal fica na Avenida Doutor Temberg, um grande polo de comércios de toda espécie, lá encontra-se de tudo. Pode-se dizer que o bairro hoje tem auto sustentação, possui todos os meios para sobreviver, é como uma pequena cidade dentro da grande Fortaleza. Ele continua crescendo e se desenvolvendo superando o preconceito e as imagens estereotipadas, criadas no passado e reforçadas nos programas policiais.

É lindo como o morador do Pirambu se vê, como ele se descreve. Suas falas são potentes e animadoras, enchem o coração de esperança e é com um apanhado dessas falas que quero terminar esse capítulo. Na certeza de que a luta não acabou, que o convite para novas mudanças, dentro deste território, é latente no coração desta população, pois a mesma sabe que há muito a construir, a conquistar e a participação popular é essencial para isso:

“Somos pessoas guerreiras que lutamos todos os dias pela sobrevivência de nossas famílias”.

“A pessoa que mora no Pirambu é guerreira, insistente e sabendo como o bairro era, hoje tá uma cidade... era só mato e carrapateira e fizeram uma cidade...”

“Um povo lutador, guerreiro, do nó em pingo d'água”.

“As mulheres são mais guerreiras que os homens”.

“É um povo forte!”

“Somos resilientes”

“Eu diria que aqui tem gente boa e solidaria, meus vizinhos são minha família”.

“São trabalhadores, lutadores, são jovens comprometidos com a cultura negra, com a diversidade, com o país”.

“O pessoal do Pirambu é um povo guerreiro, um povo forte, mas por causas das facções o povo fica meio amedrontado...”

“Um cidadão que em meio a tantas diversidades consegue com resiliência superar e ser uma pessoa do bem”.

“Resistência, força e união”.

“Um Pueblo Creativo, acogedor y resistente”.

(Comentários da população do Pirambu)

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os resultados mais relevantes da pesquisa, tem-se que os sujeitos participantes confirmam em suas falas a importância dos movimentos sociais e populares na formação do bairro. Que a participação popular foi extremamente educativa, ensinando a população a lutar, a saber sobre os direitos e como reivindicá-los, bem como sobre a solidariedade, a união, a justiça e a política. Ensinou que juntos, em comunidade, os problemas sociais são possíveis de serem enfrentados e que é preciso sair da invisibilidade, ocupar o nosso lugar dentro da cidade de Fortaleza.

Das falas, histórias recordadas, fotos, artigos de jornais, cordel, músicas, filmes, *Blog's*, pintura e afetos presentes nesta produção cartográfica sobre o Pirambu, brotam lindas e

fecundas reflexões que tendem a beneficiar outras reflexões sobre a participação popular em outras periferias pelo Brasil afora, do poder educativo e transformador que essa participação proporciona.

As lutas dos antigos, sejam eles moradores, movimentos, igreja, todos que deram um pouco de si para dar vida e autonomia ao local, são de extrema importância, precisam ser lembradas, pois tornaram o Pirambu “*nesta Cidade*”, expressão usada com sabedoria por um morador, para dimensionar o grandioso que este bairro é para quem mora nele. O espírito de resistência que existe no pirambuense hoje, na sua identidade, é fruto dessa luta e resistência, do exemplo inspirador que nos deixaram como herança.

O participar e compartilhar dessas lutas “*com certeza ajudou o povo a ficar mais forte e acreditar que a união faz a força*”, destaca Arlene Cacau. Foi extremamente educativo visto que “*o povo se conscientizou dos seus direitos, se uniram mais e o povo unido jamais será vencido. Esse foi o maior aprendizado que tivemos*”, completou. Para Dona Neusa, “*Os antigos deixaram um Pirambu melhor pra hoje e exemplo de luta*”. É nossa herança:

“*As lutas do passado formaram as crianças que hoje são cidadãos*”. (D. Neusa).

“*As lutas do passado são energias, que nos move, nos movimenta para que sejamos lutadores de hoje. As conquistas de hoje foram através das lutas dos nossos ancestrais*”. (Maria Zélia).

“*Nos motiva pois dá respeito por aqueles que lutaram por nós, saber que estavam ali por nós...*” (Dita Cacau).

“*La conquista de los derecho se consigue siempre con lucha persistente*”. (Ir. Elisabete).

Percebe-se que o fazer a lembrança e reflexão sobre as vivências dos antigos, trouxe certo esperança, porque “*principalmente quando recordamos, nos dá a certeza de que tudo valeu a pena*”, concluiu Erivânia.

Esse processo também levou a perceber que há muito o que fazer, que precisamos mudar, pois “*aprendemos muito deles. Hoje estamos acomodados!*”, refletiu Maria Tereza. Que “*ainda tem muita gente lutadora, mas hoje é diferente, juntamos 100, antes juntava 5 mil*”, desabafou Francisco Isná. O mesmo completou dizendo: “*Hoje sinto falta dessa luta, porque hoje não existe uma luta como no passado...*”. Demonstrando que é preciso resgatar o entusiasmo, é urgente reavivar o ímpeto da luta e voltar a agir pela transformação do local no qual vivemos hoje e viverão os nossos filhos.

A Igreja, referenciada na pessoa de Padre Hélio, teve um papel importantíssimo no

Pirambu, animando, despertando a população para a conquista de seus direitos, para tal ficamos com *“o legado de Dom Hélio sempre presente na comunidade atento as dificuldades de cada família e buscando resolver junto aos órgãos competentes e ONG'S da época”*, como assegura Francisco Claudemir.

Merece destaque o reconhecimento da importância da “Casinha da Praia”, na construção da identidade do bairro, ensinando “caminho das pedras” para os moradores, de como reivindicar e organizar-se, foi uma ponte de comunicação entre o povo e o mundo, fazendo a voz do Pirambu cruzar as fronteiras do país.

Por fim, este estudo mostrou que o bairro Pirambu nasceu da organização do povo, em meio as lutas e reivindicações, que foi um processo longo, lento e complexo. Que a Marcha do Pirambu ocorrida a 60 anos atrás foi o *“Big Bang”* que fomentou, impulsionou a caminhada de luta pelos direitos. Que a participação do povo teve um papel educativo e libertador na construção da cidadania, da identidade, da organização social e política. Essa experiência genuína do bairro é fonte de motivação para todos os que dela bebem.

E, para inspirar as próximas gerações, os moradores deixaram algumas mensagens carregadas de afeto, propósitos e esperança, como herança para os que darão seguimento à caminhada:

“O Pirambu é o melhor Bairro de fortaleza pra morar. Nunca pare de lutar. A vida é uma luta constante Nunca esqueça que o Povo unido jamais será vencido O povo tem vez e voz”.

“A luta sempre será necessária e a disposição tem que ser mutua, de todos, pois o interesse de melhorar é para todos. Busquem zelar pelo nome da sua quebrada sendo uma pessoa melhor”.

“Tudo no seu tempo... eu acredito que vai melhorar se Deus quiser. Que a população continue lutando pelo os direitos humanos e a comunidade para crescer cada vez mais e melhor”.

“Essa é minha vontade de viver! Enquanto vida eu tiver! Nunca percam a esperança, se espelhem nos guerreiros que já se foram para não desistir!”

“Sim. Vale a pena! Não perder a esperança!”

“Acredito que o bairro pode melhorar. Os jovens hoje precisam mudar e respeitar mais. Não desistir, acreditar. Se não ensinar os jovens a trabalhar não tem futuro”.

“Vale muito a pena seguir acreditando no Pirambu pelas próximas gerações Estudem

bastante!”

“Um povo da periferia luta e quer não só sobreviver, mas viver bem. Seja resistência!”

“Acredito que ainda vale a pena lutar pela melhoria, só não tenho mais disposição, deixo agora para os mais novos. Cuide do nosso bairro, ele é nosso!”

“A luta deve continuar por dias melhore, por saúde, educação, por melhores condições de vida. Que nunca perca a esperança, que a luta por melhores condições de moradia, de vida deve ser constante, pois as coisas não caem do céu, são conquistadas através de lutas”.

“O Pirambu vale muito a pena, não pode deixar a esmo não! O bairro tem muito o que melhorar. Estudem, não deixem de acreditar, as coisas podem melhorar, com estudo vão longe!

“Sejam perseverantes e se importem com as dificuldades um do outro e juntos busquem soluções pois se lutarem juntos vencerão!”

“Ame a si mesmo e respeite os outros!”

“A união em especial dos jovens. Hoje os jovens se apropriam de uma ferramenta muito poderosa, a internet. Que os jovens possam usar essas ferramentas do mundo digital para benefícios, conquista do conhecimento e transferir esses conhecimentos para aqueles que ainda não tem. Pensando sempre em fazer o bem. Pois o potencial do jovem não tem limite”.

“Pirambu continua teniendo un gran potencial y un gran futuro. Vamos contribuir a este crecimiento con nuestra participacion”.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do método de cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.
- BOFF, Leonardo. **La fe en la periferia de mundo: el caminar de la iglesia con los oprimidos**. Coleccion Presencia Teologica. V.10. Spain: Editorial Sal Terrae, 1980.
- BOUÇAS, Alexandre. Sargo de beijo. Pesca na Praia. 2015. Link: <https://pescanapraia.com/sargo-de-beico/>. Acessado dia 18 de agosto de 2021, às 10:22.
- CALADO, Alder Júlio. **Movimentos sociais: por uma sociabilidade alternativa**. In Educação e Movimentos sociais: novos olhares (Org: JEZINE, E. & ALMEIDA, M. L. P). Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- CAVALCANTRE, Raimundo. **Pirambu**. Fortaleza: Expressão gráfica e Editora, 2016. 92p.
- COSTA, Maria Gonçalves et all. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: Seriartes, 1995. 55p.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.pp. 57-59.
- FONTELES FILHO, José Mendes. **Subjetivação e educação indígena**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. 995 p.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 157p.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. 129p.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro coma Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 127p.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 16 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GOHN, Maria da Glória. **A Relação Movimentos Sociais e Educação**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47, maio-ago. 2011.
- GOMES, Romeu. A Análise de dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.
- NASCIMENTO, Cláudia Regina Antunes. **Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social**. In:

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

NOGUEIRA, Nonato. **Memórias do Pirambu**. Fortaleza: Resistência Mandacaru Edições. 2020. 96p.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular e Movimentos Sociais**. 8º Seminário Internacional de Educação, realizado pela FEEVALE, no período de 3 a 6 de agosto de 2005. Novo Hamburgo, RS.

PASSOS, Eduardo; ROSSI, André. **Análise Institucional: revisão conceitual e nuances da Pesquisa-intervenção no Brasil**. Revista EPOS; Rio de Janeiro – RJ, Vol.5, nº 1, jan-jun de 2014; ISSN 2178-700X; pág. 156-181.

ROMAGNOLI, R. C. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Rev. Psicologia & Sociedade; 21 (2): 166-173, 2009.

RODRIGUES, Cibele Mª Lima. **Movimentos sociais (no Brasil): conceitos e práticas**. In: SINAIS – **Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.09, v.1, Junho. 2011. pp.144-166.

SILVA, Geraldo Walmir. **Memória viva do Pirambu: O velho Pirambu de muletas nas mãos**. Fortaleza: Seriartes, 1999. 118p.

TOSSI, Marcela. Jornal O Povo. **Há 60 anos, o Pirambu marchou pelo direito à moradia em Fortaleza**: A "Marcha sobre Fortaleza", como chamaram os jornais, marcou um processo de conscientização de classe às vésperas da Ditadura Militar. Publicado 01:15 | dez. 29, 2021.

Pirambu Pensante. 2ª Temporada Pirambu em Cena - **MOVIMENTO CASINHA DA PRAIA NO PIRAMBU**. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=UyLQCD9cfZA>
Acessado dia 04/01/2022, às 15:07.

LITERATURA/DIVERSA:

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 52.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.147 p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo SP, Círculo do Livro, 1989.

Cervantes Saavedra, Miguel de. **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote De La Mancha**. Madrid: Espasa-Calpe, 1966.

FILMOGRAFIA:

- Filme **Territórios do brincar**. Direção de David Reeks e Renata Meirelles. Documentário. Brasil. 2015. Produção: Estela Renner, Luana Lobo, Marcos Nisti, Maria Farinha Filmes e Ludus Vídeos. Roteiro de Clara Peltier e Renata Meirelles. Classificação livre.

- Filme **Cidade de Deus**. Direção de Fernando Meirelles, Kátia Lund. Drama, Policial.130 minutos. Brasil. 2002. Roteiro Bráulio Mantovan. Não recomendado a menores de 16 anos.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE APRESENTAÇÃO

Ilmo(a) Sr(a),

Apresento a V.S. a estudante universitária **EDIANA MARIA CACAU OLIVEIRA**, matrícula nº 418818, aluna regular do Curso de Pedagogia (noturno) da Universidade Federal do Ceará – UFC, que está realizando pesquisa de campo para a produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do qual sou o seu Orientador Acadêmico. Esta pesquisa de campo é uma atividade central na metodologia de produção do TCC.

Desde já, em nome da Comunidade Acadêmica da UFC, receba nosso agradecimento por sua disponibilidade e atenção para com a Aluna.

Fortaleza, 08 de dezembro de 2021.

A assinatura manuscrita de José Mendes Fonteles Filho, escrita em tinta preta, apresenta um estilo cursivo e fluido.

PROF. DR. JOSÉ MENDES FONTELES FILHO

José Mendes Fonteles Filho
Prof. Associado - SIAPE Nº 9778117
Faculdade de Educação - FAE/UFCE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo solicitado a participar em um projeto de pesquisa. O pesquisador deve providenciar um documento de esclarecimento e de livre consentimento que informe a você sobre o estudo, afirmando que sua participação é voluntária e explicando os riscos e benefícios de sua participação. Nesse processo, ele deve dar a condição necessária para, de forma esclarecida, você poder tomar a decisão de participar ou não. Você deve se sentir absolutamente livre para fazer qualquer pergunta ao pesquisador e/ou esclarecer qualquer dúvida que você tenha.

Título do estudo: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO LIBERTADORA E PARTICIPAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO PIRAMBU, FORTALEZA – CE.

Pesquisadora(es): Ediana Maria Cacau Oliveira

Contato: edianacacauig@gmail.com / (85) 98720 8997

Departamento & Instituição: Departamento de Fundamentos / UFC

1. OBJETIVO DA PESQUISA: Você está sendo solicitado a participar em uma pesquisa que pretende refletir sobre importância que os movimentos populares tiveram nas origens do bairro Pirambu, do poder educativo da participação popular nas lutas e tomadas de decisões da população e o quanto tudo isso impactou na construção da identidade de uma população guerreira e persistente. Como o pesquisador sabe das muitas tarefas cotidianas que você deve cumprir para a sua formação acadêmica, sua participação não tirará de você nenhum tempo adicional que o atrapalhe em seus compromissos. Se você concordar em conceder uma entrevista, esta não tomará de você mais do que 40 minutos, prezando a sua disponibilidade de tempo.

2. O QUE VOCÊ VAI FAZER: O pesquisador está pedindo sua permissão para estudar suas expectativas e opiniões em relação à história do Bairro Pirambu, a importância que os movimentos populares tiveram nas origens do Pirambu, do poder educativo da participação popular nas lutas e o quanto tudo isso impactou na construção da identidade do bairro. Se você consentir, o pesquisador está solicitando que você participe de uma entrevista, com gravação de áudio, de, no máximo, 40 minutos de seu tempo livre.

3. POTENCIAIS BENEFÍCIOS: Você possivelmente não se beneficiará de modo particular ao participar deste estudo. No entanto, este projeto pode fortalecer indiretamente os debates sobre a importância de recordar a História do bairro, suas lutas e o poder educativo que elas trouxeram para o mesmo. Futuros participantes do programa podem se beneficiar dos resultados da pesquisa, ao analisarmos quão importante a presente experiência tem sido para você e seus colegas, principalmente em relação a história do Bairro Pirambu e a importância que os movimentos populares tiveram nas origens do bairro, do poder educativo da participação popular nas lutas e o impacto na identidade do bairro. Nenhuma compensação financeira, crédito ou nota de disciplina, nem qualquer outra forma de compensação será oferecida por sua participação neste estudo.

4. POTENCIAIS RISCOS: Como os dados obtidos para este estudo não consistem de nenhum material que você tenha produzido nas disciplinas, não vislumbramos nenhum risco envolvido. O principal risco que você poderia enfrentar seria a revelação de dados pessoais, mas, você tem o direito de não revelar e/ou de não permitir que nenhuma informação desta natureza seja publicada. Além disso, os riscos devem ser minimizados pelo pesquisador por meio de um pacto de privacidade e confidencialidade (ver item 5 abaixo).

5. PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE: Se você concordar em participar do estudo, o pesquisador vai explorar as experiências que você construiu a partir de sua participação na história do Pirambu, tomando por base suas explicações e descrições sobre o tema. Os dados que você oferecer poderão ser incluídos em apresentações orais e conferências de congressos científicos, assim como em publicações de artigos avaliados pelos comitês editoriais de revistas científicas, tanto impressas como *online*. Se assim você concordar, todos os dados identificáveis em suas descrições serão substituídos pelo uso de pseudônimos e códigos. Todos os dados sobre você estarão guardados e mantidos em confidencialidade o máximo que é exigido por lei.

6. SEUS DIREITOS: VOCÊ PODE PARTICIPAR, DIZER “NÃO” OU DESISTIR (RETIRAR A AUTORIZAÇÃO): A sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você tem o direito de dizer NÃO. Saiba que sua recusa em participar não lhe trará nenhuma penalidade ou perda de benefícios que você, de outro modo, tenha por adquirido.

7. DÚVIDAS, PREOCUPAÇÕES OU PERGUNTAS: Se você tiver alguma dúvida, preocupação ou pergunta sobre esta pesquisa, tais como questões científicas, como participar ou como relatar prejuízos decorrentes de sua participação, por favor, contate pessoalmente o (s) pesquisador (es) Ediana Maria Cacau Oliveira. Você pode contatá-lo (s) tanto pelo e-mail (edianacacauig@gmail.com) como pelo número de telefone celular (85 98720 8997), e ainda via Departamento de Fundamentos da Educação da UFC, falando com o prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho, por meio do telefone: (85) 99186-7333. Se você tiver qualquer dúvida sobre seus direitos e participação como sujeito da pesquisa, por favor, contate o **Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos** da UFC (CEP/HUWC), pelos números (85) 3366-8589 e/ou 3366-8612, ou pelo e-mail <cephuwc@huwc.ufc.br>; ou ainda: escreva para Universidade Federal do Ceará, Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos (CEP/HUWC) - Rua Capitão Francisco Pedro, n. 1290 – Bairro Rodolfo Teófilo – Fortaleza – CE. CEP: 60.430-370.

8. ACEITE PARA PARTICIPAR OU NÃO: Sua assinatura abaixo indica que você aceita voluntariamente participar (ou não) deste estudo.

EU CONCORDO (**ACEITO**) PARTICIPAR DESTA ESTUDO:

Assinatura

Nome Legível

EU NÃO CONCORDO (**NÃO ACEITO**) PARTICIPAR DESTA ESTUDO:

Assinatura

Nome Legível

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

QUESTIONÁRIO

Pirambu e sua história

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre o Bairro Pirambu e sua participação é muito importante, para relembrar momentos e fatos que construíram a história deste bairro.

*Obrigatório

1. Nome e idade *

2. É morador do Pirambu? *

Sim

Já morei

2.1. Caso tenha respondido que já morou, onde mora hoje?

3. Trabalha? Em que? *

4. Escolaridade *

5. Conheceu algum movimento popular, que atuou no Pirambu em algum momento da sua história? Qual? Fez parte dele? *

6. O que você sabe sobre a marcha do Pirambu? Conhece a música? Acha que este fato ensinou algo? *

7. O que sabe sobre Dom Hélio Campos? Acredita que ele ensinou algo ao Bairro? *

8. Conhece a Associação de Bairro do Pirambu?

Sim

Não

9. Já participou de alguma manifestação/protesto?

Sim

Não

9.1. Qual? Quando? *

Se você fosse descrever o morador do Pirambu, o que diria sobre ele? *

10. Historicamente, quais avanços você percebe no bairro, desde Dom Hélio até os dias atuais? *

11. Como é morar no Pirambu? (Ou ter morado?) Comente! *

12. Qual a importância da Igreja na construção deste bairro? *

13. Você sabia que houve um campo de concentração na origem do Pirambu? O que ouviu falar? *

14. Sua família veio de qual Município para morar no Pirambu? Por que veio? Recorda o ano? *
 15. Você já teve dificuldades em conseguir emprego, por morar no Pirambu? Pode comentar? *
 16. Que histórias ouviu de seus pais sobre a origem do bairro? *
 17. Lembra do antigo kartódromo que existia onde hoje é a Areninha? Ele era importante para o bairro? Tinha alguma serventia?
 18. Recorda como era antes da chegada da água? Usou o chafariz? *
 19. Recorda do Posto de saúde da Santa Elisa? Sabe algo sobre sua história? *
 20. Conheceu o "Médicins du Monde" (Médicos do Mundo) que atuou no bairro? Que benefícios trouxeram? *
 21. Conheceu a Casinha da Praia? Pode falar sobre a sua importância para o Pirambu? *
 22. Você acha que as lutas do passado ajudaram a fortalecer o bairro? Te motiva? Por que? *
 23. Você acredita que o espírito de resistência dos pirambuenses se deve à luta e resistência dos antigos? Comente. *
 24. Você conhece alguém que lutou pelo bairro e serve de exemplo para nós hoje? Quem? *
 25. Que sentimento você teve ao responder estas perguntas e recordar a história? *
 26. Que canção de luta você lembra, onde a letra motive a esperança de dias melhores e que ouviu no Pirambu?
 27. Você acredita que ainda vale a pena lutar pela melhoria do Pirambu? Tem disposição em insistir e acreditar no potencial do bairro? *
 28. Qual a mensagem que você quer deixar para a próxima geração? *
- Obrigada por sua participação!

APÊNDICE B – MEMORIAL ANCESTRALIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

Disciplina: **Cosmovisão Africana e Cultura dos afrodescendentes no Brasil**

Carga Horária: **64 h/a**

Professora: **Sandra Aydee Petit**

Aluna: Ediana Maria Cacau Oliveira – Matrícula: 418818

Memorial sobre a influência negra na linhagem materna e paterna na construção do Eu.

Nasci em Itapipoca, Ceará, porém vim muito cedo para Fortaleza, logo que fiz um ano. Viemos fugindo de uma seca muito braba que se abateu em todo o sertão nordestino na década de 1970. Chegamos de “mala e cuia”, eu, meu pai e mãe, avô e avó, tia Arlene e minha irmã Adriana na barriga da minha mãe. **Sei bem pouco sobre a minha linhagem.** Tenho poucas memórias da família do meu pai que ficou em Itapipoca. Minha vó paterna e meu pai eram negros, ainda que não se reconhecessem como tal, diziam-se: “morenos”, recordo que chamar alguém de negro na época da minha infância e adolescência era difamatório, podendo ocorrer brigas por isso. Minha mãe é de pele clara, filha de pai branco e mãe, uma mistura negra e indígena. Minha avó materna tinha a pele negra, mas os traços do rosto eram marcadamente indígenas. Minha mãe teve 6 filhos, destes, 3 nasceram com pele mais clara e 3 negros, da cor do meu pai.

Sobre a escolha do meu nome, não foi usado critério de significado, foi a junção dos nomes do meu pai e seu irmão, Diano mais Eliano, que no feminino ficou Ediana. Meu avô queria Mariana por causa de Nossa Senhora. Mas recebi o segundo nome de Maria, eu e minhas quatro irmãs temos esse mesmo segundo nome. Algo curioso é que há uma melodia,

uma rima nos nomes: Ediana, Adriana, Viviana, Emiliana e Veridiana. Tem o irmão que não dava pra rimar, mas ficou o meu nome no masculino: Ediano. Eu segui a tradição e minhas duas filhas tem Maria no primeiro nome, em homenagem à mãe de Jesus e escolhi seus nomes pelo significado bíblico: Isabel - Prometida a Deus e Giovanna - presente de Deus.

Sobre racismo, eu sentia que por causa da cor havia uma diferença no trato por parte de uma tia que era bem branca, cor do meu avô materno. Ela não nos convidava para os aniversários da família, pois, além da cor, éramos muito pobres e morávamos na “beira da praia”, o que dava uma certa justificativa à sua postura conosco. Éramos os isolados.

As ruas do bairro onde morava eram todas na areia, muito capim, esgoto a céu aberto, vagalumes, carrapicho, uns bicos de luz em postes improvisados de madeira, muitas brincadeiras na rua, hoje tá tudo diferente... Morávamos amontoados em uma pequena casa de taipa, uma vida simples e sem conforto. Continuo morando até hoje no mesmo lugar com meu esposo, duas filhas, um cachorro, quatro calopsitas, três pássaros australianos e plantas espalhadas pela casa.

Recordo que, quando fui procurar emprego pela primeira vez, pude perceber o racismo nas empresas que revelavam o desejo de contratar alguém com boa aparência... Em uma seleção me perguntava o porquê de não escolherem as meninas negras de cabelos cacheados, mas sim aquelas brancas de cabelos lisos... isso não era dito, mas a linguagem não verbal falava muito forte. Em uma seleção de emprego, no meio de outras meninas, eu me sentia desfavorecida. Queria muito ser vendedora aos meus 18 anos, vi que colocaram as meninas brancas para isso e para mim sobrou ser caixa, que além de ganhar menos, ficava no cantinho sem visibilidade. Eram as negras e as gordinhas que ficavam geralmente no caixa nos anos de 1995, quando comecei a trabalhar. Quando uma negra conseguia o cargo de vendedora tinha que cumprir com determinados requisitos: ter o cabelo alisado e impecável, ser muito bonita e ter o comportamento arrojado.

Lembro que precisei omitir o nome do bairro que morava pois além de negra eu morava em um bairro marcado pelo preconceito e que vivia nos programas policiais. O negro do Pirambu era marcado duas vezes, uma por ser negro e outra por ser desse bairro. Eram tidos como bandidos sem ao menos ter praticado algum crime na vida. Era nosso estigma e precisávamos ralar muito para provar nosso valor, que era posto à prova todos os dias.

Sabe, tenho muito orgulho do meu lugar de pertencimento, pois é fruto de muita luta e resistência, construído com muito sangue e suor. Nosso bairro sofreu muito o preconceito por décadas, hoje perdeu um pouco o primeiro lugar para outros bairros da cidade, mas antes

quando se chamava um taxi para lá não aparecia nenhum. A gente se sentia no fim do mundo. Era comum as pessoas reagirem ao saber que éramos de lá, dizendo: “Vixeeeeee! Brincávamos dizendo que morávamos lá no “Vixe”. O bairro nasceu do aglomerado de pessoas rejeitadas, imigrantes que vinham fugindo da fome, gerada pela seca, negros excluídos da sociedade capitalista, mão de obra desqualificada, egressos do sistema penitenciário, pescadores humildes e fugitivos da lei. Por muito tempo não tínhamos água encanada e nem esgoto. Fazíamos filas quilométricas no chafariz que existia na rua Santa Eliza. Levávamos baldes de lata para retirar a água que servia para beber, lavar a louça e tomar banho, que era bem racionado.

Monsenhor Dom Hélio Campos, considerado fundador do bairro, religioso católico que atuou embebido pela espiritualidade da Teologia da Libertação. O mesmo entendia que as desigualdades sociais e sofrimento que o povo passava não era a vontade de Deus e precisava ser combatido. Fez marchas, protestos e mobilizações para trazer benefícios à nossa comunidade. Vieram a CEB's, os Médicos sem Fronteiras, o Movimento Casinha da Praia, o Movimento Emaús, dentre outros... Todos colaboraram para combater as desigualdades. Minha casa era ponto de encontro para todos, minha mãe que era agente de saúde, se tornou líder comunitária e ganhou espaço e voz dentro daquele contexto. Infelizmente atuar no campo político é muito difícil, aparecem muita gente para tirar vantagens com as comunidades, no início dos anos 90 ela sentiu-se usada em politicagens e decidiu afastar-se.

As lendas são comuns na infância e nos marcam. Lembro do “Velho do Saco”, que nos contavam para controlar as nossas birras ou impedir que ficássemos o dia todo na rua. “Vou mandar o “véi” do saco te levar embora!”. Era apavorante se imaginar sendo levada pelo homem do saco... Por alguns minutos a gente se comportava e logo em seguida voltava a “se danar”. Outra lenda que nos tirou o sono foi da “mulher de algodão”, que era uma mulher loira com algodão na boca e nariz que assombrava as crianças nos banheiros das escolas, o que evitava que o banheiro fosse usado no horário das aulas, tempo em que não havia ninguém lá. Poucas eram as corajosas que encaravam o medo. Eu nunca a vi, mas houve relatos de crianças afirmando ter visto “alma” no banheiro. Houve também, nos anos 90, a história da “perna cabeluda”, fazia medo até abrir o guarda roupa pois ela aparecia em todo canto. Existe também as lendas do Saci, da Yara, da Cuca, da Curupira, do Boto cor de rosa, do Lobisomem, da Mula sem cabeça, essa última uma tia viu na rua em que moro, numa madrugada. No meu interior, Itapipoca, tem um lobisomem que assombra a localidade e também uns espíritos que vivem na pedra da Itaquatiara, seu Salomão tinha vários causos

sobre a pedra, que para ele não era desse mundo.

Quanto à comida dá até gosto de lembrar, era tudo muito simples, devido à nossa condição financeira, mas tudo era tão gostoso... minha vó costumava fazer “capitão de feijão”, um amassado que se fazia com farinha e feijão nas mãos. Ela parecia uma artesã, amassava, um a um, e ia colocando na boca de cada neto sentado no chão em círculo ao redor dela. Era tão gostoso e quentinho, tinha o gostinho da mão da minha avó. Que saudade sinto dela... Comer junto para nós era sagrado, se alguém se antecipava e botava sua comida era logo repreendido, pois deveria esperar pelos demais, coisa difícil de se fazer hoje com a correria do nosso dia a dia. Então, comíamos juntos e era a minha vó que botava a comida no prato de todos, quando minha vó partiu minha mãe seguiu a tradição de servir a todos, hoje eu faço o mesmo, coloco a comida nos pratos e comemos juntos, sempre que estou em casa. É a mãe que serve a comida! Feijoada, pirão, baião de dois, batata doce com leite de coco, jerimum com leite, torresmo, aluá, vatapá, tutu de feijão, sopa de feijão, Buchada, panelada, peixe seco, carne seca, farinha com açúcar, feijão com rapadura ... quanta gostosura meu povo!

Muitos valores de família herdamos dos nossos ancestrais. Posso citar alguns que vivi e trago ainda hoje pra vida. Um deles é o de respeitar os mais velhos. Ainda peço a benção à minha mãe, que hoje está bem debilitada por algumas enfermidades físicas e mentais e mesmo eu, de cabelo branco, peço a benção às tias quando as encontro, minhas irmãs já não o fazem, porém não me acanho, é natural fazer isso. Outro valor é o de cuidar dos mais pequenos e indefesos. Sou a mais velha de seis, carreguei nos braços a maioria e era uma segunda mãe na ausência dos adultos. Também dividir a comida de forma justa, não “estruir”, pois, ela é sagrada. Como também não maltratar os animais, são seres vivos como nós e não destruir a natureza, cuidar das plantas, do verde, o planeta é nossa casa. Outro valor é que devo defender minha família sempre, mesmo com as diferenças que há entre nós a família deve permanecer unida.

Uma espécie de rito de iniciação, praticado no contexto que vivemos, consiste na celebração dos 15 anos de uma jovem. Eu tive minha festa simples, em casa com a presença de amigos meus e de meus pais. Tem todo um ritual, desde o vestido, a entrada triunfal, a dança com o pai, presença dos familiares, amigos. É o momento em que a família reconhece que não somos mais crianças. Para mim foi tão forte que já queria arranjar um emprego, não pensava em casamento, filhos, queria ganhar dinheiro para ajudar a família a superar a situação de pobreza. Creio que para nós mulheres, a primeira menstruação é também um rito de passagem, recordo que quando aconteceu, falei para minha mãe e ela contou pra família

inteira, que havia ficado “moça”. E já não me tratavam como antes.

No que se refere aos territórios afro-marcados consigo visualizar, no meu bairro, os terreiros de Umbanda, que são numerosos, inclusive na minha rua há dois. Escuto o som dos tambores e os cantos afros, o ritmo é envolvente. Ia quando criança nas festas de São Cosme e Damião pra ganhar doces. Adulta, fui uma vez em um terreiro no bairro Presidente Kennedy, era um trabalho de grupo da faculdade e fui só, os outros membros da equipe tiveram medo de entrar. Fui escondida da minha família, pois a “macumba”, como é pejorativamente chamada a umbanda ou o candomblé, era tida como religião do demônio. Minha avó frequentou a umbanda, junto com sua irmã “Dos Anjos”, em um bairro distante e ela foi discriminada por isso, chegaram a comentar que ela havia sofrido muito antes de morrer por ter frequentado tal lugar.

O terreiro que fui era do padrinho de um amigo meu. Chegando lá, precisava cruzar um longo corredor sozinha para chegar no local. No corredor tive uma experiência inusitada, estava ansiosa e nervosa, não sabia como me comportar e tinha o receio de dizer ou fazer algum gesto que ofendesse às pessoas presente. Era dia dos “Preto velhos”, tinha muita dança, cantos e comida.

Sim, voltando ao corredor, caminhei e percebi que haviam umas imagens de Orixás diversos, em determinado momento senti que não estava sozinha, estava sendo olhada por alguém, quando parei e espantada olhei pra minha esquerda, dei de cara com a imagem, em tamanho real, de Obaluaê e logo senti que era dele que vinha o olhar. Eu fiquei petrificada, senti uma euforia no coração e fiquei parada ali por alguns segundos, segundos esses que pareciam horas, olhando e sendo olhada, foi estranho demais, não consigo explicar o que aconteceu ali, no entanto senti um acolhimento forte e familiar naquele momento, não era um estranho... Então, segui meu caminho e participei da celebração, meio desajeitada e prestando atenção em tudo. Por causa do preconceito, nunca havia falado sobre essa experiência antes, achei propício fazê-la agora. Acredito que tive uma experiência com Obaluaê.

Em São Luís do Maranhão conheci lugares incríveis, mas com muita história preta de sofrimento envolvida, em quilombos, fazendas que tiveram participação no comércio dos escravos e onde eles sofreram muitas torturas. Tudo lá faz lembrar a história e refletir sobre a nossa ancestralidade. Foram quatro anos de muito aprendizado e libertação, desconstrução de paradigmas que trazia comigo e permitiam ver-me negra como sou.

As curas e práticas de saúde são algo familiar pra mim. Minha avó materna era rezadeira, ela fazia suas rezas em crianças pequenas e as vezes em adultos. Curava espinhela

caída, quebrante, engasgamentos e outros problemas. Certo dia a vizinha a chamou, estava com um osso na garganta. Minha avó tocou sua garganta e disse umas palavras murmuradas junto ao ouvido da mulher, na hora o osso pulou pra fora. Minha vó era mulher mística e bem estranha às vezes, uma presença forte, ela olhava para o céu e sabia a hora exata. Quando chovia muito forte ao ponto de quase derrubar os coqueiros que haviam no quintal, ela botava sal na água e rezava umas orações movendo a água com a mão direita, em seguida atirava essa mistura contra o vento, em poucos minutos cessava a ventania. Eu achava isso incrível pois “minha vó mandava no vento!”. Ela sabia o chá e a erva pra cada doença. Pião roxo pra reza e botar no tumor, casca de tomate também se tiver já um “olho” nele. Enfiar as unhas no tronco da bananeira pra fortalecer. Sal grosso nos cantos da casa pra afastar as coisas ruins. Mastruz pra acabar com inflamação dentro e fora do corpo, chá de cebolinha branca pra cólicas em recém-nascido, chá de erva doce pra cólica intestinal, capim santo pra acalmar, quebra-pedra pra tirar pedra dos rins, camomila pra dormir bem... Para tudo havia um remédio tirado da natureza.

Minha avó é minha principal referência negra. Existem outros negros que me inspiram: Martin Luther King e sua luta contra a discriminação racial, Dandara e sua resistência quilombola, Tia Ciata a qual devemos o samba, Angela Davis e sua luta pelos direitos, Sueli Carneiro, com seus escritos que inspiram os movimentos negros, Nelson Mandela e sua luta contra a discriminação racial... Hoje a professora Sandra Petit se tornou referência para mim, com sua “Pretagogia” tem ultrapassado os muros da UFC, alcançado muitos corações pretos, ajudando a fortalecer o “pretagonismo”, a valorizar a riqueza da nossa história.

As festas são muito importantes para nós. Celebramos o nascimento das crianças, celebramos a morte, os aniversários anuais, os 15 anos, os casamentos, Natal, Réveillon, Batizados, Formaturas, Festas Juninas, São Cosme e Damião, Reisado, Carnaval... Tudo com muita comida, dança, música e gritos. Minha casa festeja tudo, gostamos de nos reunir, comer, dançar e dar muitas gargalhadas.

Nossa relação com a natureza é de muito cedo. Minha mãe tinha a casa cheia de plantas e meu pai sempre criava bichos. Tivemos soim (sagui), galinhas, codornas, preá, peixes, cachorro, pássaros, coelho, tartaruga, papagaios. Não podia faltar em casa o pé de comigo ninguém pode, o pião roxo e a espada de São Jorge, eram pra proteção das más energias. Andar de pés descalços, deitar no chão, tomar banho na chuva, mergulhar no mar, pegar na areia e construir coisas com ela. A natureza nos fortalece e relaxa.

Os cheiros negros pra mim expressam lugares e comidas, o cheiro do incenso que emana dos terreiros nos lembra da necessidade de conexão com o divino, o cheirinho da feijoada nos remete às nossas raízes presentes em todo canto. O cheiro da minha avó, de lavanda, faz lembrar da força das mãos que levaram a história nas costas para as coisas acontecerem.

Festas da infância e as de hoje são bem diferentes, antes o estar e celebrar juntos era mais valorizado. Hoje há a supervalorização da aparência nas festas e se esquecem das relações entre as pessoas. A superficialidade é marca da geração de hoje.

As músicas, cantos, toques, ritmos e estilos afro fazem parte da nossa vida, quem consegue ficar sem se mover ao ouvir o batuque de uma capoeira, o som do atabaque, uma música baiana, um forró, até os nossos dedos ficam batucando, o corpo balançando e o sorriso logo aparece. Está em nossa essência. Aqui em casa quando ouvimos uma música dançante nos agarramos pelas mãos e nos pomos a dançar, minhas filhas caem na dança, é maravilhoso... Minha vó, logo que ouvia um forró, saía arrastando os pés e puxava a pessoa que estivesse mais próxima para acompanhá-la. Ela me ensinou a dançar o forró aos 6 anos de idade. Quando adolescente amava dançar o passinho do funk, com dezenas de pessoas na rua.

As representações da África / relações com a África que tive sempre foram através de revistas e jornais e eram imagens de pobreza, escravidão, guerra, fome... um lugar ao qual não valia a pena fazer parte. Somente agora, adulta, tenho tido um outro contato, uma nova experiência, novas representações de luta, riquezas, mística, histórias, que dão orgulho em ter herdado o sangue de gente tão guerreira.

Os artesanatos sempre fizeram parte do nosso cotidiano, pois minha mãe tinha a arte nas mãos. Ela pegava cabaças, bilas, durepox, barbantes e criava lindos arranjos, conosco em barbante fazia decorações, as vasilhas de barro viravam obras de arte, pedaços de madeira, de metais e tecidos ganhavam novas serventias e embelezava nosso lar. Eu herdei isso de minha mãe, gosto de reciclar coisas sem utilidade, transformá-las em obras lindas. Tenho no muro de casa uns tijolos e umas madeiras empilhadas formando uma estante onde coloco plantas e o sapato que venho do trabalho. Um pneu pintado e pedras de rio são a base de um vaso de planta. A mesa da cozinha fiz com a tampa de um container de madeira que encontrei na Duque de Caxias, o banco da sala é de paletes, muita coisa é reciclada, não sou muito de ostentação, gosto da simplicidade.

Formas de conviver / laços de solidariedade / relações comunitárias, este tópico me faz lembrar da minha mãe, ela fazia festas em casa com a família e quando terminava de servir a

todos, fazia pratinhos e saía dando de porta em porta. Seu aniversário de 50 anos foi feito no meio da rua, todos participaram, convidados ou não, foi tudo tão lindo, até a dança foi no meio da rua e ela nos fez vestir preto e branco pois é torcedora do Ceará.

Recordo que quando criança, minha mãe chamava o grupo de capoeira do bairro para se apresentar em frente da nossa casa. Ela colocava uns cordões para demarcar o espaço da apresentação e a rua ficava lotada. Chamava também o boi bumbá, quadrilha junina e uns palhaços da comunidade. Ela preparava um belo lanche e organizava uma vaquinha com a vizinhança para ajuda de custo dos artistas. Eram noites divertidas, mágicas e inesquecíveis. Minha mãe foi uma pessoa que colaborou para a divulgação da cultura no nosso bairro. Ela também gostava de organizar piquenique com toda a comunidade, ainda hoje as pessoas comentam as fotos que guardam dos passeios.

Todo mundo que batia na nossa porta, minha mãe ajudava. Quando alguém morria e não tinha condições para realizar o funeral ela juntava um grupo e saía de porta em porta pedindo dinheiro, recordo que uma vez saímos de madrugada cantando de porta em porta, fazendo um reisado para enterrar o seu João. Cantávamos nas portas, explicava o motivo e depois pedíamos a colaboração, assim conseguimos enterrá-lo...

Cresci jogando e brincando na rua, todos misturados, meninos e meninas, a maioria das brincadeiras eram coletivas e muito divertidas. Lembro de brincarmos de bila, raia, pular corda, labirinto no chão, amarelinha, cantigas de roda, jogo de pedras, bonecas de pano que minha avó fazia, bonecos de miolo de pão, baladeira de pregador de roupa, pião, lanterna de lata de leite, pés de quenga de coco, pés de lata de leite, cavalo de cabo de vassoura. Uma das cantigas de roda era a seguinte: “Senhora dona Cândida coberta de ouro e prata, descubra o seu rosto, quero ver a sua cara. Que anjos são esses que vivem guerreando, é de noite, é de dia, santa nossa Ave Maria. Somos filhas do rei, somos netas da rainha e o seu rei mandou dizer que escolhesse uma pedrinha...”, a pessoa que estava com as mãos no rosto, se passando por dona Cândida, descobria o rosto e corria para pegar alguém, quem primeiro fosse tocado virava a dona Cândida e a brincadeira recomeçava...

Outra cantiga era: “Fui à Espanha buscar o meu chapéu, azul e branco da cor daquele céu. Olha palma, palma, palma, olha pé, pé, pé, olha roda, roda, roda, caranguejo peixe é! Caranguejo só é peixe na enchente da maré, caranguejo só é peixe na enchente da maré! Dança crioula que vem da Bahia, pega a criança e joga na bacia. A bacia é de ouro, ariada com sabão e depois de ariada enxugada com roupão. O roupão é de seda, camisinha de filó. E agora vamos ver quem pede benção a vovó. A benção vovó! A benção vovó!”, todos corriam e

a vovó corria pra tocar em alguém para ser a próxima avó e ficar no meio da roda.

Agradeço muito pelo presente que foi realizar este memorial, pois ajudou a rever minha história e perceber que tenho uma conexão maior do que eu imaginava com minha ancestralidade e tenho uma gratidão profunda por isso. Apesar dos sofrimentos que vivenciei na infância e que não poderiam ser retratados aqui, pois tomariam recortes diferentes e dramáticos, não ligados à negritude, percebo o quanto fui feliz. Carrego um tesouro lindíssimo dentro de mim, vejo também que preciso aprofundar mais as minhas raízes, me apoderar melhor da história dos ancestrais que construíram o lugar onde moro.

Gratidão!